

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR OLIVEIRA PUCHALSKI

“ELE APANHOU FOI É POUCO”: DESCRIÇÃO DAS SEMICLIVADAS DE
DUPLO *SER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CURITIBA

2022

VICTOR OLIVEIRA PUCHALSKI

“ELE APANHOU FOI É POUCO”: DESCRIÇÃO DAS SEMICLIVADAS DE
DUPLO *SER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal
do Paraná, como requisito parcial à obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José G. D. Foltran

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Puchalski, Victor Oliveira

“Ele apanhou foi é pouco” : descrição das semiclivadas de duplo *ser* no português brasileiro. / Victor Oliveira Puchalski. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador:a Profª. Drª. Maria José G. D. Foltran

1. Língua portuguesa - Brasil. 2. Linguística. 3. Verbo. 4. Gramática. I. Foltran, Maria José, 1954-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **VICTOR OLIVEIRA PUCHALSKI** intitulada: **'Ele apanhou foi é pouco' : Descrição das semiclivadas de duplo ser no português brasileiro**, sob orientação da Profa. Dra. MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Junho de 2022.



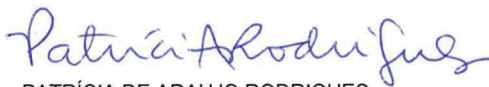
MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN

Presidente da Banca Examinadora



SANDRA QUAREZEMIN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)



PATRICIA DE ARAUJO RODRIGUES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, prof^a. Maria José Foltran pelos ensinamentos, empenho e paciência nesses dois anos bastante conturbados. O isolamento causado pela pandemia de Covid-19 teve reflexos impactantes em todas as esferas da vida social, inclusive nas atividades acadêmicas. No entanto, as reuniões virtuais, rigorosamente semanais, foram essenciais para não perder o vínculo com a comunidade acadêmica. Agradeço também por todas as conversas sobre saúde mental tão necessárias, mas muitas vezes negligenciadas na vida acadêmica.

Agradeço ao Departamento de Pós-Graduação, em especial à prof^a. Teresa Cristina Wachowicz, pelo tratamento humanizado dos discentes, aceitando todos os pedidos de prorrogação de prazo e se prontificando a ajudar e a mitigar os impactos causados por esse contexto tão ímpar que vivemos. Além disso, agradeço também às professoras Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR), Patrícia Rodrigues (UFPR) e Sandra Quarezemin (UFSC) pelas importantes contribuições deste trabalho.

Agradeço aos velhos amigos Tiago, Paula, Ivan, Vanessa, Thiago e Naiara (e as novíssimas amigas Heloisa e Serena) pela amizade incondicional e por nunca terem sido distantes apesar de morarem tão longe. Aos amigos Clarissa e Alessandro pelos divertidos almoços virtuais, cafés da tarde virtuais, aniversários virtuais e jogos virtuais que ajudaram a combater tanto a fome quanto a solidão.

Agradeço especialmente à Fernanda Cruzetta pela paciência em ouvir estruturas clivadas antes mesmo do primeiro gole de café e pelas incontáveis contribuições diretas e indiretas a este trabalho. Agradeço pela parceria na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza e na gramaticalidade e na agramaticalidade. Agradeço por não me deixar desistir. Agradeço também a Khaleesi Baguera Quantapança, que em toda sua sabedoria canina, me ensinou a ser mais paciente, mesmo tendo atrapalhado quase todas as aulas virtuais com seu característico ronco.

Por fim agradeço a CAPES pelo financiamento parcial desta pesquisa e ao Tribunal de Justiça do Paraná, em especial Leonardo Fogaça, Maria Anita dos Anjos e a todos do Ateliê de Inovação que, por meio de um estágio remunerado, permitiu condições materiais para terminar este trabalho.

I am considerably less sanguine about anything that I have said about clefts. I have been messing about with (pseudo)clefts for far too long now. I would have thought, to remain as much in the dark as I still am. But that is well and truly where I in fact am, which I take as a kindly hint from the universe to the effect that I should be a lot more cautious about anything that I try to say emphatically.

John Robert "Haj" Ross¹

¹ROSS, J.R.H. The syntax of emphasis – a base camp. In: LECLÈRE, Christian; LAPORTE, Eric; PIOT, Mireille; SILBERZTEIN, Max (eds.). **Lexique, Syntaxe et Lexique-Grammaire** (Syntax, Lexis & Lexicon-Grammar): Hommage à Maurice Gross. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. 547-559.

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é realizar uma descrição de uma estrutura da língua portuguesa que iremos denominar “semiclivadas de duplo *ser*” (SC2*ser*), expondo suas principais características e comparando-a com outros tipos de clivadas, como clivadas canônicas, pseudoclivadas e, principalmente, semiclivadas. Essas sentenças têm como características a produção de um foco contrastivo por meio da clivagem, não possuem elemento *wh* ou complementizador e possuem dois verbos *ser* na sua estrutura. O primeiro verbo *ser* sofre concordância de tempo, enquanto o segundo sempre se mantém na terceira pessoa do presente. Como exemplo paradigmático podemos citar a sentença: “João comeu foi é muito”. Essa pesquisa se justifica pelo fato dessa estrutura ser bastante produtiva em português e ainda não possuir nenhuma descrição sobre ela. Com o objetivo de demonstrar a legitimidade dessas sentenças em língua portuguesa, utilizamos dados autênticos de produção que foram extraídos da rede social Twitter, caracterizada por mensagens de até 280 caracteres de utilização informal e oralizada. A principal hipótese defendida foi que essas sentenças podem ser identificadas como um subgrupo de sentenças semiclivadas. Para comprovar essa hipótese, descrevemos todo o grupo das clivadas, expondo algumas discussões pertinentes sobre o tema e destacando as diferenças e semelhanças entre clivadas canônicas, pseudoclivadas e semiclivadas. Nossa discussão examinou, mais especificamente, o grupo das semiclivadas com o objetivo de salientar as suas principais propriedades e características. Além disso, apresentamos as propostas de Kato (2010) e Resenes (2014) como análises importantes sobre esse grupo. Por fim, comparamos as características das semiclivadas com as semiclivadas de duplo *ser*, chegando à conclusão de que o número de propriedades em comum é suficientemente grande para considerá-las como um subgrupo. Levando isso em consideração, buscamos utilizar as análises já feitas e testá-las para compreender os novos dados. Constatamos que a existência de um duplo *ser* causa alguns impactos nas análises, o que estimularia a reformulação das teorias para a compreensão dos novos dados apresentados.

Palavras-chave: 1.clivadas; 2.pseudoclivadas; 3.semiclivadas; 4.foco;

ABSTRACT

The main objective of this work is to describe a structure of the Portuguese language that we will call “semiclefts with double *ser (to be)*” (SC2ser), exposing its main characteristics and comparing it with other types of clefts, such as canonical, pseudoclefts and, mainly, semiclefts. These sentences are characterized by the production of a contrastive focus through cleft movement, do not have a *wh* or complement element and have two verbs *to be* in their structure. The first verb *to be* undergoes tense agreement, while the second always remains in the third person present tense. As a paradigmatic example we can cite the sentence: “João comeu foi é muito”. This research is justified by the fact that this structure is quite productive in Portuguese and still does not have any description about it. In order to demonstrate the legitimacy of these sentences in Portuguese, we used authentic production data that were extracted from the social network Twitter, characterized by messages of up to 280 characters of informal and oral use. The main hypothesis defended was that these sentences can be identified as a subgroup of semicleft sentences. To prove this hypothesis, we describe the entire group of clefts, exposing some relevant discussions on the subject and highlighting the differences and similarities between canonical, pseudoclefts and semiclefts. Our discussion examined, more specifically, the semicleft group in order to highlight its main properties and characteristics. In addition, we present the proposals of Kato (2010) and Resenes (2014) as important analyzes of this group. Finally, we compare the characteristics of the semicleft with the semicleft with double *ser (to be)*, reaching the conclusion that the number of properties in common is large enough to consider them as a subgroup. Taking this into account, we seek to use the analyzes already done and test them to understand the new data. We found that the existence of a double *ser* causes some impacts on the analyses, which would stimulate the reformulation of theories to understand the new data presented.

Keywords: 1.clefts; 2.pseudoclefts; 3.semiclefts; 4.focus;

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1 - Estruturas clivadas no Português Brasileiro	16
1.1 Definição de sentença clivada	17
1.2 Clivadas, Pseudoclivadas e Semiclivadas	20
1.2.1 Clivadas Canônicas	28
1.2.2. Pseudoclivadas	22
1.2.3. Semiclivadas	35
1.2.4. Comparações pontuais	37
1.2.4.1. Constituinte focalizado	37
1.2.4.2. Tipo de foco	41
1.2.4.3. Concordância entre o verbo ser, o foco e o verbo matriz	47
1.4. Resumo do capítulo	49
Capítulo 2 - Estruturas Semiclivadas no Português Brasileiro	50
2.1 Características em comum	50
2.2 SC ou PC-reduzidas?	53
Tabela 1: Diferenças entre Semiclivadas e Pseudoclivadas	62
2.3 Propostas de análise sobre as SC	62
2.3.1 Análise de Kato (2010)	62
2.3.2 Análise de Resenes (2014)	69
2.5 Resumo do capítulo	83
Capítulo 3 -Semiclivadas de duplo ser	80
3.1 Dados sobre as semiclivadas de duplo ser	80
3.1.1 Comparação de SC2ser com SC	82
Tabela 2: Diferenças entre Semiclivadas, Pseudoclivadas e SC2ser	90
3.2 Características gerais das semiclivadas de duplo ser	91
3.2.1 Constituinte focalizado	94
3.2.4 Concordância	96
3.2.3 Estrutura	97
3.3 Propostas de análises	99
3.4. Resumo do capítulo	104
4. Conclusões	105
Referências	107

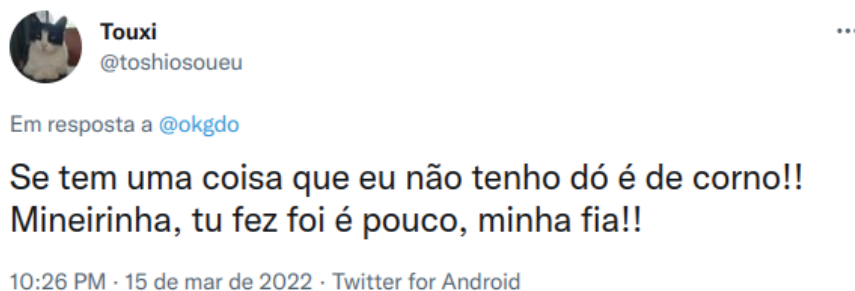
Introdução

O presente trabalho pretende analisar sentenças que são bastante específicas no português brasileiro, mas que têm se apresentado bastante profícuas na língua. Com o objetivo de atestar a produtividade desse tipo de estrutura, utilizaremos a rede social Twitter enquanto um banco de dados informal para extrair os dados. Em uma busca rápida nessa rede social, é possível encontrar diversos exemplos. Abaixo veremos três *tweets* paradigmáticos do tipo de sentença que analisaremos nesta dissertação:²

(1) Não entendi **foi é** [nada].³



(2) Mineirinha, tu fez **foi é** [pouco], minha fia!⁴



(3) Falou **foi é** [merda].⁵

² Nas sentenças transcritas (e ao longo do trabalho), destacamos a utilização especial do verbo *ser* em *bold* e o elemento focalizado entre colchetes. Destacaremos também em *bold* outros elementos que, por ventura, tenham relação com a sintaxe ou com a semântica da sentença. Mais exemplos dessas sentenças serão arrolados no capítulo 3.

³ <https://twitter.com/CrisRocco/status/1503934696929083396>

⁴ <https://twitter.com/toshiosoueu/status/1503905580058128393>

⁵ https://twitter.com/igor_goulding/status/1503927426816094209



IGOR Goulding
@igor_goulding

...

Em resposta a @dedesecco

Falou foi é merd@@@@

11:53 PM · 15 de mar de 2022 · Twitter for iPhone

É importante notar que essa estrutura é tão recorrente no Português Brasileiro (doravante PB) que todos os dados acima foram recolhidos em apenas dois dias (15 e 16 de março de 2022). Ou seja, sentenças como essas são produzidas todos os dias, pelo menos, nessa rede social. Outra questão que devemos levar em consideração nesses dados é que eles partem de uma rede social oralizada com grau baixo de formalidade. Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é formular uma apresentação e uma descrição dessa estrutura, elencando restrições e propriedades particulares. Além disso, elaboramos hipóteses plausíveis sobre a sua constituição sintática e semântica dentro da perspectiva gerativa.

No que diz respeito à estrutura dessas sentenças, podemos notar que o que existe de comum entre os exemplos de (1) a (3) é a presença do verbo *ser* duplicado: “foi é”. Ao que parece, essa formulação parece realçar ou fazer uma focalização na estrutura que segue justaposta. Além disso, a exclusão dos *ser* da sentença não prejudica sua compreensão. Por exemplo, a sentença (1) poderia ser transcrita como “Não entendi nada”; a (2) “[...] tu fez pouco [...]”; e (3) “Falou merda”.

A propriedade semântica de foco, estruturada sintaticamente pela presença de um verbo *ser* e outras estruturas como um *wh* ou um complementizador, é uma característica já conhecida na literatura específica, sendo denominada clivagem. Particularmente, a estrutura tema deste trabalho é muito semelhante a um subgrupo das sentenças clivadas: as semiclivadas. Dadas as semelhanças entre as semiclivadas e as estruturas analisadas aqui, formulamos a hipótese de que as estruturas com duplo *ser* são um subgrupo das semiclivadas, as quais iremos denominar semiclivadas de duplo *ser* (SC2ser).

As estruturas semiclivadas, por sua vez, também são muito recorrentes na língua portuguesa. A fim de atestar a sua produtividade e a sua semelhança com as estruturas tema deste trabalho, seguem alguns exemplos de semiclivadas:

(4) Não quero ver meu filho armado, eu quero ver **é** [_F ele formado]. ⁶

(5) Eu só não comi **foi** [_F pouco] nessa Fortaleza. ⁷

(6) Eu sou **é** [_F linda]. ⁸

Assim como nas sentenças de (1) a (3), as sentenças semiclivadas de (4) a (6) também utilizam o verbo *ser* de forma bastante idiossincrática pois, em tese, sua presença é apenas funcional, podendo ser dispensável para a compreensão da sentença. Prova disso é que a exclusão do verbo *ser* não interfere no entendimento dos enunciados: “[...] eu quero ver ele formado”; “Eu só não comi pouco nessa Fortaleza”, “Eu sou linda”. Portanto, nesta dissertação iremos nos apoiar na hipótese de que, nessas estruturas específicas, o verbo *ser* não se comporta como uma cópula tradicional, como nas construções atributivas e predicativas. Nas sentenças apresentadas, defendemos que o verbo *ser* possui uma natureza funcional e realiza uma operação de foco.

Visando confirmar nossas hipóteses, iremos conduzir uma descrição que possibilita compreender as sentenças clivadas de uma maneira geral, fazendo comparações entre as propriedades que avaliamos serem pertinentes nessas estruturas. Em outras palavras, descrevemos elementos das sentenças clivadas para compreender melhor as semiclivadas e, por fim, analisar especificamente as semiclivadas de duplo *ser*.

O estudo das estruturas clivadas, por sua vez, é um terreno bastante instigante para as análises linguísticas, pois a idiossincrasia das configurações sintático-semânticas entre os termos da sentença e a variedade de maneiras com as quais essas construções são organizadas em diferentes línguas geram uma diversidade de análises. O grande número de artigos, dissertações e teses sobre esse assunto revela a fertilidade do tema, que se desdobra em análises sintáticas, semânticas e pragmáticas nas mais diversas línguas. Especificamente nos estudos de sintaxe, percebemos uma grande variedade de análises e propostas que

⁶Disponível em: <<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1140585339339382785>>. Acesso em: 15/03/2022

⁷Disponível em: <<https://twitter.com/juliette/status/1423737227331440651>>. Acesso em: 16/03/2022

⁸Disponível em: <<https://twitter.com/deslaratadina/status/1466168847027912715>>. Acesso em: 16/03/2022

demonstram como essas discussões sobre essas estruturas são fecundas nas pesquisas especializadas.

Em termos gerais, as estruturas clivadas são construções sintáticas que, através da inserção de alguns elementos, realizam um processo semântico que possibilita a focalização de um determinado sintagma com o objetivo de realçá-lo ou destacá-lo. Essa estrutura é comumente utilizada como resposta a perguntas do tipo em (7):

(7) Quem comeu o bolo?

(8) a. O João comeu o bolo. [Sentença simples]

b. **Foi** [_F o João] **que** comeu o bolo. [Sentença clivada]

Ambas as sentenças em (8) são opções que permitem ao falante, no contexto conversacional, preencher uma informação nova requerida pela pergunta em (7). Obviamente, é possível responder à questão (7) de várias maneiras, como a sentença simples em (8a), por exemplo. Nessa sentença, é necessário focalizar o item por meio do uso de uma prosódia específica. No entanto, a sentença (8b) faz com que o sintagma “o João” assumam um destaque ou foco por meio de uma composição estrutural, ou sintática. Diferente da sentença (8a), a sentença (8b) não requer necessariamente uma prosódia para fazer o foco. Além disso, nos exemplos, é possível observar que o verbo *ser* e o complementizador *que*⁹ são os elementos estruturais que tornam possível a estrutura de focalização.

Ao analisar essas estruturas no PB, a comunidade linguística produziu diferentes tipos de nomenclaturas, que são comumente incluídas no grupo das sentenças clivadas. Ao longo dos anos, essas análises causaram uma certa confusão e pouca padronização no que diz respeito a terminologias.

Dessa forma, para fins de organização, utilizaremos uma nomenclatura em comum com pesquisas recentes, como de Kato (2010) e de Resenes (2014), nas quais as sentenças clivadas no PB são, em princípio, divididas em três grandes grupos: Clivadas canônicas

⁹Utilizaremos a nomenclatura em inglês chamando de *wh* os complementizadores *que*, *o que*, *quem*, *qual*, *quando*, *quanto*, *porque* e *como*. Na literatura em português são chamados de complementizadores *qu*. Nas sentenças clivadas do PB, a utilização de complementizadores se restringe, majoritariamente, a *que*, *o que* e *quem*. A utilização de outros *wh* é muito rara e pouco aceitável.

(doravante CC), Pseudoclivadas (doravante PC) e Semiclivadas (doravante SC). A escolha por esses três grupos parte do princípio de que eles compartilham um elemento em comum: o foco realizado pelo verbo *ser*. Ao contrário das SC, nas CC e PC é possível encontrar variações quanto ao posicionamento do foco em posição pré ou pós verbal. As sentenças de (9) a (11) são exemplos paradigmáticos de cada uma dessas estruturas: ¹⁰

- | | |
|---|------|
| (9) Foi [_F O BOLO] <u>que</u> João comeu. | [CC] |
| (10) <u>O que</u> João comeu foi [_F O BOLO]. | [PC] |
| (11) João comeu foi [_F O BOLO]. | [SC] |

O tema principal deste trabalho concerne às características singulares das sentenças do tipo (11), as semiclivadas, que, dentre os outros exemplos, é o único grupo da família das clivadas que não apresenta um elemento *wh*. Além disso, enquanto nos grupos das CC e PC é permitido focalizar quase qualquer função ou categoria, nas SC existe uma restrição para foco em sujeito (Spec de IP):

- | | |
|---|---------------------------------|
| (12) * Foi [_F O JOÃO] comeu o bolo | [SC - Foco sujeito - posição 1] |
| (13) ?? Comeu o bolo foi [_F O JOÃO]. | [SC - Foco sujeito - posição 2] |
| (14) Telefonou foi [_F O JOÃO]. | [SC - Foco sujeito - posição 2] |
| (15) Chegou foi [_F A PIZZA]. | [SC - Foco sujeito - posição 2] |

Nas sentenças (12) e (13), vemos que a tentativa de produção de estruturas semiclivadas com foco em sujeito resulta em dados agramaticais, como (12), ou de aceitabilidade questionável, como (13). Apesar dessa restrição, a focalização de sujeitos se torna possível e aceitável (em posição 2) com verbos monoargumentais, como em (14) e (15).

Já as sentenças do tipo SC2*ser* possuem ainda mais restrições relativas a tempo, ordem sintática e tipo de elemento focalizado:

¹⁰ Para fins de explicitar o tipo de clivada, iremos utilizar as siglas entre colchetes no final de cada exemplo. Se houver outros destaques (como posição), estes também serão indicados junto com a nomenclatura, dentro dos colchetes.

- (16) [...] aquela diretora pegou **foi é** [raiva] de mim.¹¹ [SC2*ser*]
 (17) ? Aquela diretora pegava **era é** [raiva] de mim. [SC2*ser*]
 (18) Aquela diretora vai pegar **vai ser é** [raiva] de mim.¹² [SC2*ser*]
 (a) * Aquela diretora pega **é é** [raiva] de mim. [SC2*ser*]

Diante dessas peculiaridades das sentenças semiclivadas do PB, formulamos os seguintes problemas de pesquisas: (i) As sentenças SC2*ser* são derivações de SC? Se sim, quais são as semelhanças e diferenças com outras estruturas clivadas? (ii) A estrutura “foi é” indica uma estrutura cristalizada ou são dois constituintes diferentes? (iii) As análises feitas para SC podem ser utilizadas para compreender também as SC2*ser*?

Diante da exposição e comparação de diversas propriedades particulares, como restrições de focalização, pudemos afirmar que é possível estabelecer uma relação e conceber que as SC2*ser* podem ser consideradas um subgrupo de SC, que, por sua vez, possui características diferentes das CC e as PC.

Os dados analisados de SC2*ser* sugerem que a estrutura de focalização “foi é” não pode ser considerada uma cristalização, pois parte da estrutura recebe concordância. Além disso, foram encontrados dados em que é possível separar essa estrutura dentro de perífrases verbais.¹³ Sendo assim, é possível conceber que cada verbo *ser* ocupa uma posição diferente na estrutura.

Por fim, constatamos que as análises atuais sobre as SC de Kato (2010) e de Resenes (2014) apresentam problemas ao serem aplicadas às SC2*ser*, visto que ambas as análises pressupõem somente um elemento para a focalização. Na derivação de Kato (2010), seria preciso inserir mais etapas de movimento e inserção de constituintes; já na análise de Resenes (2014), seria necessário pressupor a existência de mais um núcleo funcional para abrigar o segundo verbo *ser*. De qualquer maneira, os novos dados das SC2*ser* causam certos questionamentos sobre as análises já feitas.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/Yuyuegay/status/1503906542529228801>>. Acesso em: 20/04/2022

¹² Agradecemos a Prof. Patrícia Rodrigues pelo exemplo.

¹³ Ele deveria era ter é um selo vermelho.” Disponível em <<https://twitter.com/JManuelSBrito/status/1478654195851010053>> Acesso em: 25/04/2022

Com o objetivo de expor todas essas discussões, organizamos nosso trabalho da seguinte forma: no capítulo 1, com o objetivo de definir e delimitar o nosso tema de estudo, revisamos as discussões acerca dos três conjuntos de clivadas, pois o exame das estruturas SC depende de várias considerações pautadas em análises de suas “estruturas-irmãs”, as CC e as PC. Nesse capítulo, focaremos na observação direta de dados, trazendo a bibliografia específica quando pertinente. Dessa forma, procuramos descrever e comparar as estruturas levantando as idiossincrasias de cada uma delas. A partir de uma descrição inicial que problematiza a nomenclatura desses grupos, buscamos fazer uma definição atualizada sobre os três grupos levantando alguns pontos teóricos que julgamos ser importantes para a análise das estruturas clivadas. Para isso, dedicamos subtítulos a cada uma dessas discussões, sejam elas sobre o tipo de constituinte focalizado e sobre o tipo de foco realizado (contrastivo, informacional); além disso, lidamos também com questões relativas à concordância. Em todas as partes, buscamos salientar as idiossincrasias das SC diante das outras estruturas.

No capítulo 2, buscamos centrar a análise especificamente nas sentenças SC. Com um formato diferente da proposta de análise direta aos dados do capítulo 1, nessa segunda parte buscamos focar em uma revisão bibliográfica sobre essas sentenças. Iniciamos com uma seção que discute a proposta de que as SC seriam uma redução de PC, ou seja, com um elemento *wh* nulo nas sentenças SC. Por meio de uma série de dados comparados entre SC e PC, deixamos clara a impossibilidade de derivação entre os dois grupos, considerando a SC enquanto uma estrutura própria. Na seção final do capítulo 2, abordamos as propostas de Kato (2010) e Resenes (2014), que, apesar de diferentes, possuem um grande potencial explicativo.

O capítulo 3, por fim, será dedicado a analisar os dados das *SC2ser*, levando em consideração as conclusões dos capítulos anteriores, em especial com relação às SC. Na primeira seção desse último capítulo, iremos expor alguns dados coletados na rede social Twitter. Posteriormente, comparamos os dados das *SC2ser* com dados semelhantes de sentenças SC formados a partir de sentenças copulares, cotejando-os e apontando suas diferenças. Com objetivo de confirmar o pertencimento do grupo das *SC2ser* dentro do grupo das SC, comparamos diversas características que confirmaram nossa hipótese. Devido à

semelhança entre as SC e as SC2*ser*, julgamos ser interessante utilizar as análises de Kato (2010) e Resenes (2014) para tentar avaliar seu potencial explicativo para as SC2*ser*.

A conclusão do trabalho foi a de que os dados apresentados manifestam alguns problemas nas análises prévias, principalmente relacionados a presença de dois verbos *ser* para formar um único foco. Esses problema reflete a necessidade que uma reelaboração teórica pode ser necessária para acomodar os novos dados na teoria. Além disso, esses dados parecem ser uma construção única nas línguas românicas, abrindo margem para pesquisas mais aprofundadas sobre a questão. Por fim, ao tentar explicar essas sentenças a partir de propostas já existentes, vimos que não seria possível esclarecer todas as questões neste trabalho e realizamos diversas sugestões para pesquisas futuras sugerindo uma progressão para esclarecimento e aprofundamento da pesquisa.

Capítulo 1 - Estruturas clivadas no Português Brasileiro

O objetivo principal deste capítulo é fazer uma descrição atualizada e abrangente sobre o conjunto das sentenças clivadas para elencarmos as principais discussões acerca deste grupo. Para tal, iniciaremos problematizando a literatura específica e suas variadas divisões dentro do grupo das clivadas. Em seguida, iremos definir os argumentos teóricos para a cisão do grupo em clivadas canônicas e pseudoclivadas.

No que diz respeito às perspectivas teóricas, iremos expor o debate na abordagem gerativa sobre a construção de uma análise unificada das clivadas, baseando-se na presença de sentenças relativas ou relativas livres na sua composição. Vários autores vão argumentar contra a presença de relativas, contrariando essas propostas. Além disso, iremos problematizar a questão da elaboração de subgrupos, tradicionalmente conhecidos como clivadas canônicas, pseudoclivadas e semiclivadas.

Além da exposição das principais discussões sobre as clivadas, iremos destacar algumas características empíricas destes três grupos que são mais recorrentes nas literaturas específicas. Essas características são: (i) as restrições sobre os constituintes clivados ou focalizados, ou seja, quais categorias e quais funções são possíveis de serem clivadas; (ii) o tipo de foco constituído, isto é, a característica semântica do foco enquanto informativo ou contrastivo; (iii) a concordância entre o verbo *ser*, o item focalizado e o verbo matriz. Todos esses pontos levantam questões importantes que serão retomados para a discussão específica das semiclivadas.

O objetivo deste capítulo não é aprofundar as análises, mas expor uma discussão geral que possibilite a diferenciação entre esses grupos. Assim, tendo conhecimento das diferenças e semelhanças de cada grupo, poderemos avançar com mais propriedade para o campo específico das semiclivadas no capítulo 2.

1.1 Definição de sentença clivada

As sentenças clivadas são estruturas que visam a topicalização de determinado sintagma com o objetivo de destacá-lo ou focalizá-lo. A fim de deixar evidente essa focalização, iremos derivar uma clivada de uma sentença simples:

(19)

- | | |
|----------------------------------|--------------------|
| (a) João comeu o bolo. | [Sentença simples] |
| (b) Foi o João que comeu o bolo. | [Sentença Clivada] |

É possível notar que, na sentença (19b), o verbo *ser* mais o complementizador *que*, quando introduzidos na sentença (19a), topicalizam ou focalizam o elemento *o João*. Para introduzir tais elementos e produzir o efeito é necessário clivar a sentença simples (19a), daí o nome sentença clivada.

A definição desse tipo de sentença é ausente nas gramáticas tradicionais normativas e é mencionada de maneira muito resumida em algumas gramáticas descritivas. Na gramática de Perini (2016), por exemplo, encontramos a definição de sentença clivada dentro do capítulo de “Topicalização”, mais especificamente em “Tópico sintático”, juntamente com “passivas” e “construção de deslocamentos à esquerda”. Segundo Perini (2016):

As construções clivadas são formadas com o auxílio do verbo *ser* mais um relativo, *que* ou *quem*. No PB existem três construções desse tipo; na primeira, o elemento topicalizado fica entre o *ser* e o relativo:

[11] **Foi a diretora** que mandou trancar a sala.

Na segunda construção clivada (às vezes chamada de **pseudoclivada**) o relativo vem primeiro, e a sequência de *ser* mais o elemento topicalizado ocorre no final da sentença:

[12] **Quem** mandou trancar a sala **foi a diretora**.

A terceira construção clivada se usa para topicalizar um sintagma verbal; mas nesse caso é preciso incluir o verbo *fazer*, que funciona aí como pró-forma:

[13] **O que** ele **fez foi** limpar a cozinha.

O verbo principal fica no infinitivo, e *fazer* assume as marcas de tempo, pessoa e número.
(PERINI, 2016: 485-486)

Apesar de a definição de Perini (2016) ser bastante sucinta, ela já expõe dois elementos importantes na definição das clivadas. O primeiro diz respeito à sua função de topicalizar (ou focalizar)¹⁴ determinado sintagma com o objetivo de destacá-lo discursivamente. O segundo é a existência do verbo *ser* anteposto ao elemento topicalizado e um “relativo”, sugerindo que a estrutura que segue o foco é uma estrutura relativa. Além disso, Perini (2016) ainda mostra uma subcategoria, as pseudoclivadas. Importante notar também que o autor ao descrever a estrutura utiliza o termo “relativo”, para se referir ao que outros autores irão chamar de complementizador.

No entanto, a definição de Perini (2016) ainda é bastante rasa para nossos propósitos, visto que ele não aprofunda questões semânticas e sintáticas pela própria natureza generalizada da sua gramática descritiva. Apesar disso, a sucinta definição do autor nos serve como base para a elaboração de uma definição bastante geral: Sentenças clivadas são estruturas sintáticas que, por meio da inserção de determinados itens funcionais, clivam sintagmas com o objetivo de destacá-los discursivamente. Os itens funcionais inseridos mais comuns nas clivadas são o verbo *ser* e um complementizador *que* ou um *Wh* do tipo *o que* ou *quem*.

Já na literatura especializada sobre o tema das descrições ou definições sobre as estruturas clivadas, destacamos o trabalho de Braga, Kato e Miotto (2009) “As construções-Q no Português Brasileiro Falado”, que aprofunda as análises sobre sentenças que contenham o “pronome-Q: *que, quem, qual, o que, onde, quando, como, quanto, cujo*.” (BRAGA; KATO; MIOTTO, 2009:241). Segundo os autores, esse pronome pode aparecer introduzindo relativas, sentenças clivadas e interrogativas.

Destarte, vemos que enquanto Perini (2016) associa as clivadas ao processo discursivo de “topicalização”, assim como as passivas e as construções de deslocamento à esquerda, Braga, Kato e Miotto (2009) analisam as clivadas a partir de uma perspectiva formal, levando em consideração a utilização do pronome-Q como critério de classificação, inserindo-as no mesmo grupo das relativas e das interrogativas.

Segundo os autores,

¹⁴ É importante frisar que topicalizar e focalizar são processos diferentes. Na topicalização, determinado elemento é posto em destaque pelo seu movimento a um núcleo mais alto da sentença (ex. TopP). Já o processo de focalização pode ter uma configuração e uma interpretação semântica diferente.

Na literatura linguística, a clivagem é, muitas vezes, entendida como uma operação que se aplica a uma sentença qualquer, como (20 a), e a cinde em duas, como exemplificamos em (20 b) e (20 c):

- (20) a) O menino comeu a torta. b) **Foi** [o menino] **que** comeu a torta.
c) O menino comeu a torta.¹⁵ d) **Quem** comeu a torta **foi** [o menino].

O resultado dessa cisão é que ela produz um nível de encaixe, em (20 b) [*que comeu a torta*] e em (20 c) [*quem comeu a torta*], ausente da sentença que sofreu o processo de clivagem. A sentença em (20 b) é identificada como uma clivada e o que permite identificá-la como tal é o verbo *ser* e o complementizador *que*; a de (20 c) é identificada como uma pseudoclivada e o que permite identificá-la como tal é, além do verbo *ser*, o pronome- Q *quem*.

(BRAGA; KATO; MIOTO, 2009:253)

Vemos que a definição dos autores é muito semelhante à de Perini (2016). Nos exemplos dos autores são apresentados os principais elementos de uma sentença clivada: o verbo *ser*, o elemento *que* ou *Wh*, e um sintagma focalizado, neste caso, *o menino*. A fim de destacar esses termos, ao longo desta dissertação, assumiremos uma representação semelhante à dos autores em que o termo focalizado será representado entre colchetes e o verbo *ser* e o elemento-Q, em destaque *bold*. Além disso, podemos perceber que ao exemplificar a construção de uma clivada, eles acabam produzindo um tipo de ‘teste’, mesmo sem intenção, quando afirmam que a clivagem é uma operação que pode ser aplicada em qualquer sentença. Desta forma, podemos concluir que, muitas vezes, a sentença clivada é derivada de uma contraparte não clivada, tal qual os exemplos dos autores. Apesar de parecer algo banal, esse teste será importante quando formos analisar estruturas mais complexas nas próximas seções.

A definição proposta pelos autores é comum na literatura específica e será essa que utilizaremos para propor a nossa definição: clivar é uma operação que envolve o verbo *ser* e um elemento-Q, que, ao serem aplicados em uma sentença, destacam por meio de foco estreito¹⁶ um dos seus sintagmas. As clivadas são produzidas a partir de um contexto conversacional específico que irá requerer esse tipo de estrutura de destaque. Desta forma, analisar clivadas fora de contexto pode ocasionar problemas interpretativos.

¹⁵ Ahamos que essa sentença repetida e a numeração dos exemplos foi um erro na edição do capítulo. Provavelmente, os autores quiseram exemplificar que a sentença ‘a’ pode se tornar tanto ‘b’ quando ‘d’.

¹⁶ Segundo (Braga; Kato; Mioto, 2009), “É de regra que toda sentença veicula foco. Às vezes, toda a sentença é o foco, caso em que temos o foco sentencial, largo; outras vezes apenas um dos constituintes dela, caso em que temos foco de constituinte, estreito.”. Partindo dessa afirmação, compreenderemos as clivadas como um foco estreito, visto que focalizam um, e somente um, sintagma. Discutiremos mais sobre o foco na seção 1.2.4.2.

Braga, Kato e Miotto (2009), assim como Perini (2016), mencionam o subgrupo denominado pseudoclivada, que, segundo eles, se caracteriza pela presença de um elemento *Wh* em oposição ao complementizador *que*. No entanto, Braga, Kato e Miotto (2009) citam diversos outros tipos de clivadas além das pseudoclivadas, como clivadas canônicas, clivadas invertidas, clivadas sem cópula ou reduzidas, pseudoclivadas canônicas, pseudoclivadas reduzidas, pseudoclivadas invertidas, pseudoclivadas extrapostas e clivadas representativas. Ao contrário da definição geral sobre as clivadas, essa nomenclatura sugerida pelos autores não é um consenso na literatura. Com exceção dos grupos clivadas e pseudoclivadas, todos os outros são muito debatidos na comunidade, pois implicam decisões teóricas relevantes, que abordaremos nas seções que se seguem. Sendo assim, agora que já temos uma definição geral sobre clivada, iremos tratar das nomenclaturas específicas dentro deste grupo.

1.2 Clivadas, Pseudoclivadas e Semiclivadas

Como a pesquisa das estruturas clivadas é bastante fecunda na linguística, ficaria inviável trazer para este trabalho todas as análises dos últimos 60 anos. Apenas em língua portuguesa, podemos encontrar diversos pesquisadores brasileiros que escreveram sobre estruturas clivadas. Em uma busca rápida pela internet, destacam-se análises sintáticas e semânticas recentes de vários linguistas brasileiros, como Mary Kato, Carlos Miotto, Sandra Quarezemin, Maria Cristina Figueredo Silva, Sergio Menuzzi, entre tantos outros. Entre as teses e dissertações recentes, esse número aumenta significativamente com importantes contribuições de Mariana Santos de Resenes (2009; 2014) – sobre as pseudoclivadas e semiclivadas – e Damares Matias Silveira (2020) – com uma análise cartográfica sobre a concordância do verbo *ser* em diferentes tipos de clivadas. Todas essas análises trazem especificidades dentro do grupo das clivadas e, além disso, criam subgrupos com variadas nomenclaturas. A diversidade de grupos criados é tão significativa que levou Marcelino (2012) a escrever um artigo propondo uma revisão conceitual sobre esses subgrupos. Segundo essa autora, a maneira como alguns linguistas particionam o grupo das clivadas em subgrupos varia bastante e não há muito consenso sobre como isso é feito. Para ilustrar como

essa subdivisão pode variar, Marcelino (2012) fez um levantamento desses subgrupos, produzindo a seguinte tabela:

Tabela 1: Tipologia das sentenças clivadas segundo Marcelino (2012)¹⁷:

Estrutura	Brito e Duarte	Ribeiro e Cortês Junior	Quarezemin	Braga, Kato e Miotto
Foi X que...	Clivada	Clivada Básica	Clivada Plena	Clivada Canônica
Foi X o que/quem	Clivada-Q	Pseudoclivada Extraposta	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada
X foi quem	Clivada Invertida	Clivada Invertida	Clivada Invertida	Clivada Invertida
Quem / o que Foi X	Pseudoclivada Básica	Pseudoclivada Básica	Pseudoclivada	Pseudoclivada Canônica
X foi quem / o que	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida
X é que...	Pseudoclivada Invertida de É QUE	Clivada Invertida	x-x-xx-x-x-x	Pseudoclivada Invertida
X foi ...	Semi-pseudoclivada	Pseudoclivada reduzida	Pseudoclivada reduzida	Pseudoclivada reduzida
X que	x-x-x-x-x-x-x	Clivada sem Cópula	Clivada Truncada	Clivada sem Cópula ou Reduzida

Como mencionado anteriormente, a tabela construída por Marcelino (2012) ilustra como essa nomenclatura pode variar na comunidade científica. No entanto, essa representação possui alguns problemas: o primeiro deles é que ela não leva em conta a diacronia das pesquisas, ou seja, ignora que alguns autores citados reviram suas nomenclaturas ao longo dos seus estudos. O segundo problema é que a tabela também revela que uma mesma estrutura (como *X foi quem*) se aplica a diferentes tipos de sentença (como nas versões invertidas de clivadas e pseudoclivadas). Desta forma, para podermos nos aprofundar nos estudos das clivadas, teremos que definir quais serão os subgrupos e quais os critérios que adotaremos.

¹⁷ Onde X é o elemento clivado com o objetivo de focalização.

A fim de mostrar como o grupo das clivadas pode ser particionado, iremos recuperar os exemplos (9), (10) e (11), repetidos aqui como (20), (21) e (22), a fim de esboçar uma primeira análise elementar. Essas sentenças clivadas são criadas a partir de uma sentença simples:

Ex.: O João comeu o bolo.

- (20) **Foi** [_F o bolo] **que** o João comeu.
- (21) **O que** o João comeu **foi** [_F o bolo].
- (22) O João comeu **foi** [_F o bolo]

As sentenças expostas de (20) a (22) são todas consideradas clivadas. É importante ressaltar que, a partir da sentença simples, é possível derivar todos os tipos de sentença clivada. A operação inversa também é possível: qualquer sentença clivada poderá ser reconvertida em uma sentença simples. Nas sentenças de (20) a (22), é possível notar algumas semelhanças elementares já comentadas na seção anterior, como a presença do verbo *ser* e um sintagma focalizado. Além disso, nas sentenças (20) e (21) ainda temos a presença de um terceiro componente: um complementizador *que* (em 20) ou um elemento *Wh* (em 21). Já em (22) não encontramos esse terceiro elemento, e essa idiossincrasia será debatido no capítulo 2, dedicado somente a esse tipo de sentença, as semiclivadas.

1.2.1 Clivadas Canônicas

Resenes (2009) propõe que a estrutura de uma clivada denominada “clivada canônica” deve seguir o seguinte esquema:

- (23) *ser* + XP_i (= foco) + *que* [_{IP} [_{ec_i} ...]] (RESENEs, 2009: 14)

No esquema proposto pela autora, uma clivada canônica (doravante CC) deverá iniciar com o verbo *ser* acompanhado pelo sintagma focalizado; em seguida, um complementizador *que* introduzindo a sentença matriz. O esquema (23) de Resenes (2009) já possui uma formato generalizante capaz de esquematizar, em termos mais precisos, sentenças como (20). No entanto, Kato (2009) nota que a presença do verbo *ser* na posição inicial não é um padrão e

pode variar. Nas CC, segundo essa autora, podemos ter duas posições diferentes: cópula em primeira posição (CC I) ou cópula em segunda posição (CC II ou Clivada Invertida):

(24)

- (a) **Sou** [_F eu] **que** mais trabalho nessa empresa. [CC I]
- (b) [_F Eu] **sou que** mais trabalho nessa empresa. [CC Invertida]
- (c) * **Que** mais trabalho nessa empresa **sou** [_F eu]. (KATO, 2009:378)

Nos exemplos em (24), vemos que as opções de foco pré-verbais (24a) e (24b) são possíveis (apesar de considerarmos a opção (24a) muito mais comum), enquanto que a opção de foco pós-verbal, com o complementizador na periferia esquerda (24c), não é possível.

É importante citar que uma sentença como (20) pode ser considerada sintaticamente ambígua, pois pode ser tratada tanto uma sentença clivada quanto uma relativa regular, a depender do contexto em que é inserida. Com o objetivo de ilustrar essa questão, iremos reproduzir um exemplo de Miotto & Negrão (2007):

(25)

- (a) Quem foi que foi reprovado?
- (b) Qual aluno pediu revisão de prova?

(26) Foi o aluno que foi reprovado.

(MIOTTO & NEGRÃO, 2007:165)

Podemos notar que a resposta em (26) pode ser dada em ambos contextos sugeridos em (25). Segundo os autores, para que (26) seja considerado uma clivada, o constituinte entre o verbo *ser* e o complementizador precisa ser o foco da sentença, o que ocorre quando (26) responde (25a), e não ocorre ao responder (25b). Essa questão é o ponto de partida para os autores argumentarem que o CP que acompanha as CC não é uma relativa. Em resumo, Miotto & Negrão (2007) propõem algumas razões sintáticas para não considerar o CP das clivadas

uma relativa. A primeira delas diz respeito à relação entre o pivô das relativas (no caso do exemplo (26), *o aluno*) com o foco das clivadas. Em outras palavras, não é comum o pivô das relativas ser afastado da sua posição imediatamente anterior à relativa. Ou seja, no exemplo (24b) de CC invertida proposta por Kato (2009), não existe a interpretação de sentença relativa, pois o verbo *ser* está entre o suposto pivô *Eu* e *que mais trabalho nessa empresa*.

A segunda razão pela qual Miotto & Negrão (2007) não consideram o CP das CC como uma relativa são as relações de funções sintáticas, o Caso e os papéis temáticos do pivô (nas relativas) e do foco (nas clivadas). Nas verdadeiras relativas, a categoria vazia (*ec*) e o pivô não necessitam ter a mesma função sintática, papel temático ou Caso:

(27) Eu encontrei a menina que *ec* agrediu o João.

(28) Ela mora na casa_i que eu construí *ec*_i.

(MIOTTO & NEGRÃO, 2007:176)

Vemos que, na sentença (27), a *ec* da sentença relativa não possui a mesma função sintática e papel temática da sentença matriz. Já na sentença (28), vemos que a categoria também é diferente: enquanto na matriz é um PP, na relativa trata-se de um DP. Desta forma, a *ec* e seu correferente são independentes sintaticamente. Já nas sentenças clivadas, é necessário que *ec* e o foco possuam mesma categoria:

(29)

(a) Foi a casa que eu construí *ec*.

(b) *Foi na casa que eu construí *ec*.¹⁸

(MIOTTO & NEGRÃO, 2007:176)

Outro ponto importante elencado pelos autores diz respeito a restrições de natureza categorial do pivô das relativas, que não pode ser adjetivo, advérbio e verbo (VP). Já o foco das clivadas pode:

¹⁸ Conforme notado pela leitura da prof. Patrícia Rodrigues, apesar de os autores considerarem a sentença agramatical é possível propor a existência de um objeto nulo em contexto específico, por exemplo:
“- Você construiu um laboratório fotográfico no quintal?
- # Foi na casa que eu construí *ec*.”

(30)

- (a) É escandalosa que ela é.
- (b) Foi calmamente que ele partiu.
- (c) É viajar que ele quer.

(MIOTO & NEGRÃO, 2007:177)

Vemos nos exemplos em (30) que, devido à categoria do item focalizado, seria impossível considerar o CP dessas clivadas como sendo uma sentença relativa. No mesmo raciocínio desses autores, Resenes (2009) também explica que a *ec* das clivadas não é o mesmo que a *ec* das relativas, pois as funções gramaticais do XP (em (23)) focalizado surgem no IP encaixado e dependem da grade argumental do verbo matriz. Para ilustrar, Resenes (2009) cita os seguintes exemplos:

(31)

- (a) É o empregado do João que passa em todos os concursos.
- (b) É verdade que o funcionário do João passou no concurso.
- (c) É uma pena que o funcionário do João não tenha passado no concurso.

RESENES (2009:250)

Para Resenes (2009), somente a sentença (31a) pode ser considerada uma clivada, visto que é só nessa estrutura que o elemento focalizado está coindexado à *ec* da grade argumental do verbo da sentença matriz:

(24a) É [_F o empregado do João]_i **que** [_{ec}]_i passa em todos os concursos. [CC]

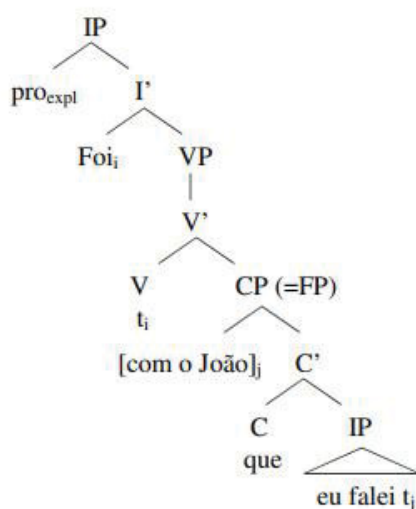
Já as demais sentenças, segundo a autora,

são simples sentenças copulares predicativas, em que o verbo *ser*, como assumido em muitas análises desde Stowell (1981) (ver também Miotto & Foltran (2007)), seleciona uma *small clause* como complemento. Por serem CPs completivos, os sujeitos sentenciais são “expelidos” da posição pré-verbal e disso resulta a semelhança na ordem linear. (RESENES, 2009:26)

No que diz respeito à estrutura das Clivadas Canônicas, iremos adotar a proposta de Mioto (2001), também utilizada por Resenes (2009):

Esquema 1: Clivada Canônica (RESENES, 2009)

(32) Foi com o João que eu falei.



Segundo Mioto & Negrão (2007), essa proposta de estrutura propõe que

a cópula seja um inacusativo que seleciona um CP complemento marcado pelo traço de foco [+foco], à semelhança do que acontece com um verbo como *perguntar* que seleciona um CP com traço [+interrogativo]. [...] o Spec do CP complemento da cópula deve ter seu Spec preenchido pelo constituinte que é focalizado. (MIOTO & NEGRÃO, 2007:172)

Apesar de ser uma proposta interessante, os autores ainda ressaltam alguns problemas sobre essa estrutura. A concordância da cópula com o foco, não deveria ser permitida, visto que trata-se de uma posição A'. Além disso, a comparação com a interrogativa é falha, visto que neste tipo de construção o *que* é opcional, mas nas clivadas não é:

(33)

(a) Ele perguntou o que (que) ela comeu.

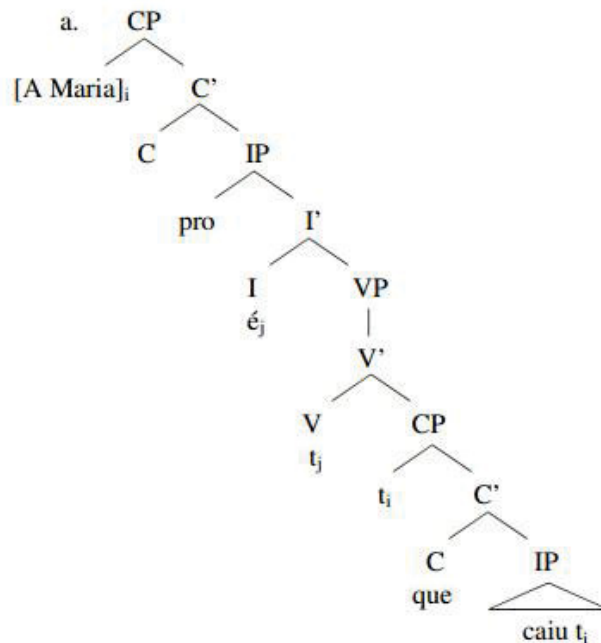
(b) Somos nós *(que) fazemos o serviço pesado.

(MIOTO & NEGRÃO, 2007:172)

A versão invertida das CC também foi proposta por Resenes (2009):

Esquema 2: Clivada Canônica Invertida (RESENES, 2009)

(34) A Maria é que caiu.



Nessa sentença, vemos que o constituinte focalizado que estava em Spec de CP é topicalizado para o CP mais alto da sentença. Por outro lado, Kato (2009) explica que as sentenças CC e CC-invertida possuem tipos diferentes de derivação. Segundo a autora, o tipo II (invertido) é derivado de uma estrutura chamada “clivada apresentativa”

que não tem, no domínio da subordinada, uma projeção para onde se pode levar o foco. Na clivada inversa, portanto, o foco sobe direto para a periferia à esquerda da sentença raiz, que pode conter um FP. (KATO, 2009:382)

A seguir podemos observar que Kato (2009) propõe a derivação a partir da clivada apresentativa:

(35)

(a) É **que** [o ladrão levou [+F meu laptop]].

$[_{FP} [O \text{ ladrão}]_i [é [_{CP} \text{que } [t_i \text{ levou meu laptop.}]]]]$

[CC II]

KATO (2009:383)

Já na versão regular ou não-invertida, do tipo CC I, o foco passa a ocupar “a posição de *spec* da projeção FP da subordinada em vez de subir até a raiz” (KATO, 2009: 383):

(36) [É [_{FP}[o ladrão]_i][**que** _{+F}[__ levou meu laptop].

KATO (2009:383)

Kato (2009) explica que “se o complementizador QUE tiver o traço +F (de Foco) , ele segura o Foco no FP mais baixo. Se o **que** não tiver esse traço, e for um mero complementizador, o foco sobe para o FP da periferia à esquerda da sentença matriz”.

1.2.2. Pseudocivadas

Como já vimos citado por vários autores, o PB possui uma segunda forma de fazer estruturas clivadas denominada pseudoclivada (doravante PC). A diferença apontada por esses autores é que, enquanto nas CC é utilizado um complementizador *que*, nas PC é utilizado um Wh, do tipo *o que* ou *quem*. A descrição das PC também foi feita por Resenes (2009), que propõe o esquema a seguir para a estrutura:

(37) [_{CP}wh_i... t_i] + ser + XP_i (= foco)

(RESENESES:2009, 14)

(38) **O que** João comeu **foi** [_F o bolo].

A proposta de representação das PC em (37) esquematiza, por exemplo, a sentença em (38). Podemos notar que, diferentemente da utilização do complementizador *que* nas CC, as PC possuem um componente Wh (no caso do exemplo (38), *o que*). Segundo Miotto & Negrão (2007), a utilização desse componente indica a presença de uma relativa livre. Nessas sentenças, não há a necessidade de um pivô, visto que o próprio Wh assumiria essa função. O elemento Wh é um constituinte semanticamente partilhado entre a verbo matriz e a relativa. No processo de clivagem, este elemento não permite a separação completa pois o seu papel

temático e sua função são determinados pelos predicadores da sentença matriz, fazendo, desta forma, uma pseudoclivagem.

Nas PC, Kato (2009) classifica três posições possíveis: cópula em primeira posição (PC I); cópula em segunda posição (precedida do foco) (PC II ou invertida); Relativa livre seguida pela cópula em primeira posição (PC III):

(39)

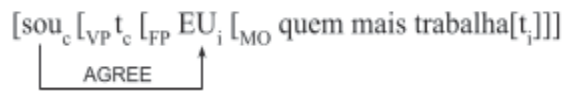
- | | |
|--|--------------------|
| (a) Sou [_F EU] quem mais trabalha nessa empresa. | [PC I] |
| (b) [_F EU] sou quem mais trabalha nessa empresa. | [PCII (invertida)] |
| (c) <i>Quem</i> mais trabalha nessa empresa sou [_F EU]. | [PC III] |
- KATO (2009:378)

Ao relacionarmos os exemplos de inversões de CC (24ab) e as inversões de PC (38ab), vemos que tanto nas PC quanto nas CC é possível posicionar a cópula antes ou depois do elemento focado, desde que os dois elementos fiquem na periferia esquerda da sentença. No entanto, ao compararmos as sentenças (39c) e (24c), vemos que somente as PC permitem iniciar a sentença com o elemento Wh.

A explicação que Kato (2009) dá para esses movimentos provém de uma comparação com os movimentos de *Small Clauses* (mini oração). Segundo a autora, as derivações para PC podem assumir três formatos, replicados abaixo em (40), (41) e (42):

- (40) Sou eu quem mais trabalha. [PC I]
- (i) Monta-se mini oração (MO) com foco predicativo.
 [_{MO} Quem mais trabalha [_F EU]]
- (ii) Projeta-se um FP para onde pode subir o Foco e o Foco sobe para o spec de FP;
 [_{FP} EU_i [_{MO} quem mais trabalha [_{t_i]]].}

(iii) insere-se a cópula em VP, que sobe para T e faz-se a concordância com a 1ª pessoa por AGREE.



KATO (2009:381)

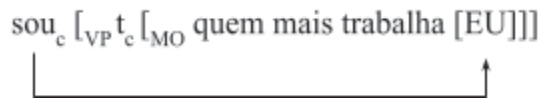
(41) Eu sou quem mais trabalha.

[PC II]

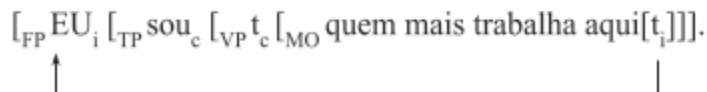
(i) Monta-se mini oração (MO) com foco predicativo.

$[_{MO} Quem trabalha [_{F} EU]]$

(ii) insere-se a cópula, que sobe para T e faz a concordância, por AGREE, com o pronome de 1ª pessoa;



(iii) projeta-se FP acima de TP para onde se move o foco.



KATO (2009:381)

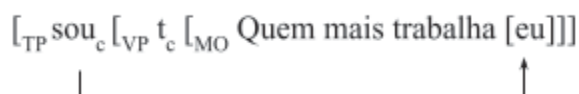
(42) Quem trabalha mais sou eu.

[PC III]

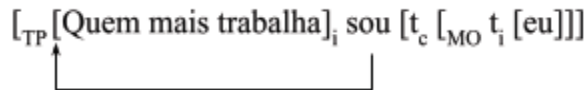
(i) monta-se a MO, mas não se acrescenta o traço de foco a nenhum constituinte;

$[_{MO} Quem mais trabalha [eu]]$

(ii) insere-se a cópula em VP, a qual sobe para T e faz a concordância por AGREE com a 1ª pessoa:



(iii) relativa livre sobe para spec de T para satisfazer seus traços de EPP.



KATO (2009:382)

Mioto & Negrão (2007) fazem alguns apontamentos sobre a sintaxe das PC. Enquanto nas CC existe uma dependência de função, papel temático e caso entre o constituinte focalizado e sua *ec*, nas PC existe uma (relativa) independência entre esses termos:

(43)

(a) A Maria foi para quem o João deu flores *ec*. [PC]

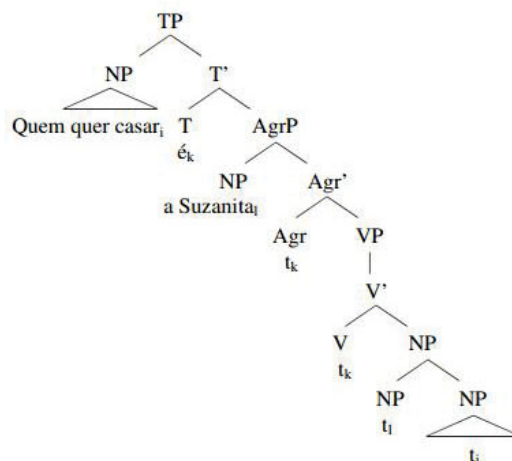
(b) ?? Maria foi que o João deu flores *ec*. [CC]

(MIOTO & NEGRÃO, 2007:176)

Podemos observar que em (43a) existe uma independência entre a *ec* e o foco *a Maria*, visto que eles não partilham da mesma função e categoria. Tal fato não é possível nas CC, em que o *ec* deve possuir função e categoria iguais às do elemento focado. Em (43a) essa independência só é possível pela mediação do elemento Wh no Spec do CP encaixado.

No que diz respeito à estrutura das PC no PB, iremos destacar a proposta de Modesto (2001), que expõe uma análise estrutural das três possibilidades. Iremos replicar aqui as estruturas de Modesto (2001) com os comentários de Resenes (2009):

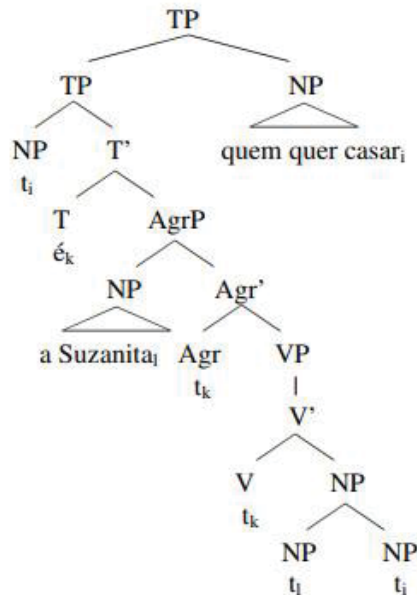
(44) Quem quer casar é a Suzanita. [PCIII]



[O]bservamos que a relativa livre é o predicado e o NP *a Suzanita* o sujeito da *small clause*. A relativa livre é movida para Spec TP, que é considerado pelo autor uma posição A-barra, e o sujeito (o foco) sobe até Spec AgrP para checar o seu Caso. (RESENES, 2009:120)

(45) É a Suzanita quem quer casar.

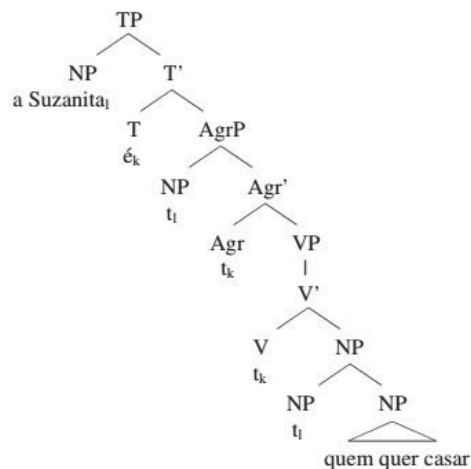
[PC I]



Segundo Resenes (2009), a derivação da pseudoclivada extraposta em (44) é semelhante à da pseudoclivada canônica, representada em (43), com a única diferença do movimento adicional da relativa livre.

(46) A Suzanita é quem quer casar

[PCII]



Como uma simples sentença copular, o NP *a Suzanita*, sujeito da *small clause* em [45] passa por Spec AgrP e sobe até Spec TP, onde checka o seu Caso. Nessa situação, como o próprio sujeito ocupa Spec TP, essa posição não é mais uma posição A-barra. A relativa livre permanece em sua posição original como predicado da *small clause*. Assim, como o único movimento realizado na derivação da sentença é o movimento A do NP *a Suzanita*, as leituras de clivagem não são disparadas e a sentença não se encaixa na definição de clivagem do autor; daí [46] ser analisada como uma simples sentença copular. (Resenes, 2009)

Apesar de a análise de Modesto (2001) não considerar a sentença (46) como uma clivada por não ocorrer o movimento A-barra, iremos incluí-la no grupo das PC por possuir um foco semelhante ao das outras e possuir também o elemento Wh. Iremos deixar o debate sobre o pertencimento ou não de (46) ao grupo das pseudoclivadas para trabalhos mais específicos.

No que diz respeito à semântica das PC, Miotto & Negrão (2007) fazem apontamentos interessantes que as diferenciam das CC. Os autores apontam dois subtipos de PC, as predicacionais (19a) e especificacionais (19b).

(47)

(a) O que Maria é é escandaloso.

→[PC - predicacional]

(b) O que Maria é é escandalosa.

→[PC - especificacional]

(MIOTTO & NEGRÃO, 2007:167)

Segundo os autores, “quando o adjetivo concorda com o sujeito da relativa livre, ele equivale ao predicado desse sujeito e temos uma especificacional [47b]. Quando não concorda, o adjetivo é predicado de toda a relativa livre [...] e a sentença [47a] é predicacional.” (MIOTTO & NEGRÃO, 2007, p.167-168). As CC, por sua vez, não possuem versões predicacionais, somente especificacionais:

(48)

(a) É escandalosa que a Maria é.

[CC - especificacional]

(b) *É escandaloso que a Maria é.

[CC - predicacional]

As diferenças entre PC especificacionais e predicacionais estimularam Resenes (2009) a discutir se as sentenças PC - predicacionais são, de fato, clivadas. Após longa discussão, a

conclusão a que a autora chega é que somente as predicacionais possuem uma relativa livre, e estas não são consideradas clivadas. Resenes (2009) explica que “nem o CP das clivadas [...] nem o das pseudo-clivadas parece ser do tipo relativo. Concluimos também que a clivagem está restrita à leitura especificacional, uma vez que excluimos a predicacional.” (RESENES, 2009:75). Assim como Resenes (2009), Kato & Miotto (2015) também defendem que a proposta predicacional não é pseudoclivada verdadeira. Desta forma, (47a) é considerada como uma sentença prediativa ordinária, reescrita aqui como (49a):

(49) - O que é escandaloso?

(a) O que a Maria é é escandaloso. (Escandaloso é o que a Maria é)

A resposta para tal questionamento fornecida por Kato & Miotto (2015) é que a sentença não clivada não pode ser considerada uma relativa livre por conta de restrições de movimento A (KATO; MIOTTO, 2015, *apud* HANKAMER, 1974). Além disso, as relativas livres “nunca exigem concordância temporal entre o verbo interno, a construção Wh e a cópula” (KATO & MIOTTO, 2015:30). Os exemplos para demonstrar a restrição de movimento A e a restrição de concordância são os seguintes:

(50)

(a) [O que a Maria é]_i parece t_i ser escandaloso.

(b) *[O que a Maria é]_i parece t_i ser escandalosa.

(KATO & MIOTTO 2015:30)

Vemos na sentença (50b) que, apesar de ser uma pseudoclivada especificacional, ela não pode sofrer movimento A – o que desafia a definição da sentença Wh como uma relativa livre. Segundo os autores,

a estruturação interna à construção WH de uma PC genuína, apesar de criar um ambiente sintático aparentemente desfavorável, não impede que se estabeleça a conexão entre os itens relevantes [...]. Por outro lado, quando temos uma verdadeira RL, a conexão é impedida. (KATO & MIOTTO, 2015)

Visto que não é possível considerar as estruturas relativas livres nas PC, os autores propõem interpretar o elemento Wh e o verbo *ser* como elementos formais. Enquanto nas relativas livres o elemento Wh é considerado um operador (o pivô), nas PC, ele pode ser

considerado uma “variável” cujo valor é atribuído pelo foco. Assumindo que o Wh tem caráter resumptivo, os autores postulam que ele irá se combinar com o foco, tornando-se um só constituinte. A seguir, demonstramos a derivação sugerida por Kato & Mito (2015) para “O que a Maria é é escandalosa”:

(51)

(a) A Maria é [o que [escandalosa]]

Movimento WH

(b) [_{CP} O que a Maria é [_{t_o que} [escandalosa]]]

Combinação da cópula

(c) [_{VP} ser [_{CP} o que a Maria é [_{t_o que} [escandalosa]]]]]

Movimento de *escandalosa* para a posição baixa de foco (cf. Belletti’s 2004)

(d) [_{FocP} escandalosa [_{VP} ser [_{CP} o que a Maria é [_{t_o que} [_{t_{escandalosa}}]]]]]]]

Movimento do verbo para T e projeção do TP

(e) [_{TP} é [_{FocP} escandalosa [_{VP} t_{ser} [_{CP} o que a Maria é [_{t_o que} [_{t_{escandalosa}}]]]]]]]

Movimento do CP remanescente para TopP (como um bloco pressuposicional)

(f) [_{TopP} o que a Maria é] [_{TP} é [_{FocP} escandalosa [_{VP} t_{ser} [_{t_{CP}}]]]]]

(KATO & MIOTO, 2015:32)

Para fazer tais derivações em (51), os autores precisaram realizar várias opções teóricas, como a consideração dos elementos da estrutura clivada como sendo elementos estritamente funcionais. Na derivação dos autores, não ficou clara a razão pela qual o verbo *ser*, o qual eles chamam de “cópula focalizadora”, se combina exclusivamente com o foco (e não com outros elementos).

1.2.3. Semiclivadas

As sentenças semiclivadas representam a divisão mais recente criada dentro do grupo das sentenças clivadas. Como o debate sobre esse tipo é de grande importância para esse

trabalho, iremos expor as discussões específicas no capítulo 2. Por ora, apenas para facilitar comparações, iremos expor alguns exemplos e características:

(52) João comeu **foi** [_F bolo].

Podemos observar na sentença (52) que a estrutura possui o verbo *ser* (tal qual as CC e as PC), mas não possui um elemento Wh expresso, nem um complementizador *que*. A aparente ausência de um elemento Wh e, ao mesmo tempo, a manutenção de diversas características das clivadas fazem dela uma estrutura diferenciada, denotada ora como PC-reduzida, ora como semiclivada (SC). A principal restrição na focalização dessas sentenças é a impossibilidade de focalizar sintagmas com a função de sujeito:

(53)

(a) * **Foi** [_F João] comeu bolo.

(b) * Comeu bolo **foi** [_F João].

Vemos que a focalização em sintagmas com função de sujeito da sentença não é possível nas SC. Ao menos com verbos transitivos (como *comer*).

As discussões pertinentes às sentenças SC e suas idiossincrasias serão mais aprofundadas no capítulo 2.

1.2.4. Comparações pontuais

Até aqui identificamos as principais discussões teóricas que definem e diferem as CC das PC. Nesta seção iremos exibir alguns dados de características que consideramos importantes para a distinção entre os grupos das clivadas. Entre essas diferenças, destacamos três, as quais parecem ser as mais relevantes para nossa análise: (i) a categoria e a função do item focalizado; (ii) o tipo de foco realizado (informativo ou contrastivo); (iii) a concordância entre o verbo *ser*, o foco e o verbo matriz.

1.2.4.1. Constituinte focalizado

A primeira característica importante que gostaríamos de destacar é que as construções CC podem focalizar qualquer sintagma da sentença, independentemente de sua função ou categoria. Essa é a razão pela qual esse tipo de estrutura é conhecida como um dos testes de constituição:

[...] uma construção clivada apresenta um constituinte ‘ensanduichado’ entre um verbo como *É* ... (ou *Foi*) e o item *que*.. (ou *quem*, em algumas circunstâncias) [...]. O interessante dessa operação é que só é possível clivar constituintes sintáticos, mas não palavras isoladas. Trata-se, portanto, de um bom teste para identificação de sintagmas. [...] Não é possível clivar elementos maiores do que um constituinte e tampouco ‘quebrar’ um constituinte para clivar apenas uma de suas partes internas, tal qual a má-formação dos exemplos seguintes atesta. (KENNEDY & OTHERO, 2018 : 22,23)

(54) ?? **Foi** [_F os Lusíadas nas férias] **que** João leu.

(55) ?? **É** [_F grego] **que** o Leonardo sabe clássico.

(Kennedy & Othero, 2018:23)

É possível perceber nas sentenças-exemplo de Kennedy & Othero (2018) que fazer um foco em mais de um sintagma, como em (54), ou em parte de um sintagma, como em (55), faz com que a sentença seja pouco aceitável. Pensamos que os exemplos acima só são aceitáveis em um contexto conversacional muito específico. As restrições exibidas pelos autores também são verificadas em exemplos de PC (56) ou SC (57-58):

(56)

(a) **O que** João leu foi [_F os Lusíadas] nas férias.

(b) ?? O que João leu foi [Os Lusíadas nas férias]

(57) João leu **foi** [_F os Lusíadas] nas férias.

(58) ?? João leu **foi** [_F os Lusíadas nas férias].

Vemos em (56) que é possível admitir foco somente em *os Lusíadas*, mas ficaria pouco aceitável em *os Lusíadas nas férias*, a não ser que assumamos que o nome da obra seria

“Os Lusíadas nas férias”. Assim, vemos que a ideia estrutural de constituinte único permanece, em todos os tipos de clivadas.

Além disso, quanto à categoria de sintagma focalizado, podemos dizer que existem poucas ou nenhuma restrição nas CC. Ou seja, o sintagma focalizado pode ser de qualquer tipo:

- (59) A Maria fez brincando um lindo desenho hoje de manhã.
- (a) **Foi** [_F a Maria] **que** fez brincando um lindo desenho hoje de manhã. [DP]
 - (b) **Foi** [_F brincando] **que** a Maria fez um lindo desenho hoje de manhã. [CP]
 - (c) **Foi** [_F hoje de manhã] **que** a Maria fez brincando um lindo desenho. [AdvP]
 - (d) **Foi** [_F um lindo desenho] **que** a Maria fez brincando hoje de manhã. [DP]

As sentenças (59a-d) são propositalmente longas com o objetivo de fazer um “teste de esforço” na estrutura, ou seja, observar se a estrutura é capaz de focalizar itens em sentenças pouco convencionais. Podemos observar que, desde que respeitada a constituição dos sintagmas, nas CC não há restrições quanto ao tipo ou à função da focalização. As versões invertidas também são igualmente possíveis. É importante lembrar que nas CC o item focalizado deve ter a mesma função e categoria do *ec*.

Já nas estruturas PC, é possível notar alguns problemas pois, devido à relação do item focalizado com a *ec*, é necessário a escolha de um Wh específico:

- (60)
- (a) **Foi** [_F a Maria] **quem** fez brincando um lindo desenho hoje de manhã.
 - (b) ? **Foi** [_F brincando] **como** a Maria fez um lindo desenho hoje de manhã.
 - (c) ? **Foi** [_F hoje de manhã] **quando** a Maria fez brincando um lindo desenho.
 - (d) **Foi** [_F um lindo desenho] **o que** a Maria fez brincando hoje de manhã.

Vemos nas sentenças de (60a-d) que o elemento Wh das PC mantém uma relação semântica com o foco e com o verbo da sentença matriz. Ao fazer um foco com itens diferentes de DP ou PP, a adaptação para um Wh específico gera baixa aceitabilidade, visto que não é comum a PC utilizar *quando* e *como* (61b e 61c).

- (61) Comprei flores para Fernanda.
- (a) **Foi** [_F para Fernanda] **que** eu comprei flores *ec*. [CC]
- (b) * **Foi** [_F para Fernanda] **quem** eu comprei flores *ec*. [PC]
- (c) [_F Fernanda] **foi para quem** eu comprei flores *ec*. [PC-invertida]

Nas sentenças em (61) a focalização foi feita no PP *para Fernanda*. Como já vimos, nas PC o item focalizado não precisa ter a mesma categoria da *ec*, ao contrário das CC. A insistência em manter a mesma categoria, como em (61b), deixa a sentença agramatical. A estratégia para deixar a sentença PC possível é trocar a categoria do foco e inserir um Wh específico à *ec* (61c). Desta forma, o focalização cuja *ec* não seja um DP exige a troca para um Wh específico. As restrições começam a ficar mais evidentes quando o item focalizado é AdvP, por exemplo:

- (62) O cachorro comeu a ração muito rápido.
- (a) **Foi** [_F muito rápido] **que** o cachorro comeu a ração *ec*.
- (b) ??? **Foi** [_F muito rápido] **como** o cachorro comeu a ração *ec*.

Nas sentenças (62ab), notamos que a CC (62a) é muito mais aceitável que a opção PC (62b). Isso ocorre pois é muito pouco usual a utilização de um Wh do tipo *como*. Além disso, não é possível trocar a categoria do elemento focalizado como em (61c).

Nas SC, por sua vez, é possível focalizar uma larga variedade de categorias:

- (63)
- (a) João comeu **foi** [_Fo bolo]. [DP]
- (b) Maria ficou **foi** [_F bonita]. [AdjP]
- (c) Ele comprou flores **foi** [_Fpara ela]. [PP]
- (d) O cachorro comeu **foi** [_F muito rápido]. [AdvP]
- (e) ?? Comeu muito rápido **foi** [_F o cachorro]
- (f) * **Foi** [_F o cachorro] comeu muito rápido.

Nos exemplos em (63) vemos que é possível focalizar qualquer categoria, desde que em posição pós verbal, o que pode indicar uma restrição quanto à função do elemento focalizado. Nos exemplos (63e) e (63f) observamos a impossibilidade de focalizar o sujeito da sentença. No entanto, é possível verificar que a distância entre a estrutura de foco e o verbo da matriz pode deixar a sentença menos aceitável.

(64)

- (a) ? O cachorro comeu a ração **foi** [_F muito rápido].
- (b) ?? O cachorro comeu a ração nova **foi** [_F muito rápido].
- (c) O cachorro comeu **foi** [_F muito rápido] a ração nova.

Nos exemplos em (64) vemos que, conforme o foco vai se afastando do verbo da matriz, a sua aceitabilidade também vai diminuindo. Ao replicar os exemplos com sentenças mais complexas, vemos que as restrições citadas permanecem:

(65)

- (a) A Maria fez **foi** [_F brincando] um lindo desenho hoje de manhã. [CP]
- (b) A Maria fez brincando **foi** [_F um lindo desenho] hoje de manhã. [DP]
- (c) ? A Maria fez brincando um lindo desenho **foi** [_F hoje de manhã] [AdvP]
- (d) ??? Fez brincando um lindo desenho hoje de manhã **foi** [_F a Maria] [DP]
- (e) * **Foi** [_F a Maria] fez brincando um lindo desenho hoje de manhã. [DP]

Nos exemplos (65abc), além de notarmos a diminuição de aceitabilidade conforme o foco se afasta do verbo, podemos perceber as restrições ao focar o sujeito em (65d) e, principalmente, em (65e). Essa restrição das SC com relação ao sujeito é tema de discussão para autores como Bosque (1999), Kato (2010), Resenes (2009; 2014), entre outros. Esses autores identificaram que, tanto em PB quanto em espanhol caribenho, a restrição de focalização de sujeito pode estar vinculada à seleção argumental do verbo:

- (66) Chegou **foi** [_F a pizza]. [Inacusativo]

- (67) Trabalhou **foi** [_F a professora]. [Inergativo]
- (68) ?? Comprou um carro **foi** [_F o João]. [Trans. Dir]
- Mas,
- (69) Me ajudou muito **foi** [_F aquele livro]. [Trans. Dir.]

Segundo Kato (2010:70), “[a] previsão é que, com relação a verbos inacusativos, a semiclivada seja perfeitamente possível com o sujeito posposto, já que estes verbos não dispõem de vPs e são inseridos dentro do VP”. A discussão específica sobre a questão da focalização em sujeitos será abordada com mais detalhes no capítulo 2, que trata especificamente da descrição das SC.

1.2.4.2. Tipo de foco

A realização de foco é um ponto comum entre os três grupos de clivadas. No entanto, o tipo de foco (restritivo ou contrastivo) realizado não é o mesmo. Uma mesma sentença CC poderá ser ambígua quanto ao tipo de foco realizado:

- (70) Quem pegou o meu celular?
 (a) **Foi** [_F a Fernanda] **que** pegou o seu celular. [Foco informativo]
- (71) O Victor pegou meu celular?
 (a) **Foi** [_F a Fernanda] **que** pegou o seu celular. (e não o Victor) [Foco contrastivo]

Vemos nas sentenças (70) e (71) que a mesma estrutura clivada pode apresentar diferentes tipos de foco baseando-se na informação pressuposta. Em (66), a informação requerida pelo interlocutor é sobre o autor da ação, tendo como gatilho o pronome interrogativo *quem*. Esse exemplo oferece uma informação nova não presumida, logo, um foco informativo. Já em (67), a informação é dada pelo interlocutor, e a clivada é utilizada para evidenciar um contraste, ou correção, indicando uma substituição da informação inferida, portanto, um foco contrastivo. É interessante perceber que tanto a estrutura (66) quanto a

estrutura (67) podem induzir um foco contrastivo ou informativo a depender do contexto conversacional. Sendo assim, existiria uma certa ambiguidade com relação ao tipo de foco. Apesar de a prosódia não ser o tema principal deste trabalho, é preciso citar que existem pesquisas que analisaram esta questão sob a ótica prosódica e identificaram que, ainda que a estrutura seja a mesma, é mais comum o falante utilizar um acento entonacional particular nas estruturas contrastivas.¹⁹ Neste trabalho não abordaremos a discussão sobre a entonação em clivadas.

Na literatura específica sobre foco é possível identificar muitos outros tipos de foco, como o identificacional, apresentativo, contrassuposicional, contingencial, entre outros.²⁰ Por ora, consideremos somente os traços contrastivo e informacional, apesar de reconhecermos a importância da discussão sobre a exaustividade. A diferença entre os tipos de foco foi resumida por Menuzzi (2012):

“exaustividade” é caracterizada em termos estritamente semânticos, isto é, em termos que podem ser caracterizados como parte das “condições de verdade” da sentença [...] pode ser assertada, pressuposta, implicada, sem que acarrete ou implique necessariamente “correção de um conteúdo proposicional” assertado[...] Na verdade, o “foco exaustivo”[...] tem uma função muito próxima à do foco informacional tal como este é concebido correntemente.

“Foco informacional” corresponde, na verdade, a uma proposição que pertence a um conjunto de proposições alternativamente contextualmente relevantes; é aquela que é assertada pelo falante, isto é, aquela que é enunciada como verdadeira pelo falante, que busca com isso integrá-la ao “common ground”.

Já o “foco contrastivo”, se caracterizado como envolvendo a “correção” de um conteúdo proposicional, não apenas implica implicitamente, ou mesmo asserta explicitamente, a exaustividade do conteúdo proposicional que veicula; [...] Em outros termos, “contraste”, neste sentido, não é a mera asserção (da “negação”) de um conteúdo proposicional; é um ato de fala próprio, uma denegação – uma asserção contrária ao que é assertado (ou, talvez, pressuposto ou esperado, etc.) no contexto. (MENUZZI, 2012:101)

Segundo Menuzzi (2012), esses tipos de foco são caracterizados utilizando uma “semântica de alternativas”, proposta por Rooth (1985; 1992), em que haveria no foco informacional a escolha de um item entre vários; já no foco contrastivo, haveria a negação de proposições. No que diz respeito ao foco feito por construções especializadas, Menuzzi

¹⁹ MENUZZI, S. ARAÚJO, F. M. FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a prosódia e a estrutura informacional das relativas. In.: **Anais do X Encontro do CELSUL** – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE. 2012.

²⁰ Essas definições são consideradas subcategorias com exemplos específicos. Como não pretendemos entrar neste nível de detalhe, visto que demandaria uma discussão semântica muito mais profunda.

(2012) formula uma tabela baseando-se nas pesquisas de Miotto (2004), a qual reproduziremos aqui:

Tipo de foco	Especificação Gramatical	Construção
a) Informacional	[+foco, -contrastivo, -exaustivo]	foco <i>in situ</i>
b) Contrastivo	[+foco, +contrastivo, +exaustivo]	FC, clivadas, foco <i>in situ</i>
c) Exaustivo	[+foco, -contrastivo, +exaustivo]	clivadas, foco <i>in situ</i>
d) lacuna	[+foco, +contrastivo, -exaustivo]	—

(a) são distinguidos pelos traços [$\pm$ contrastivo], [$\pm$ exaustivo]; (b) em português, focos especificados para [+contrastivo] ou [+exaustivo] são checados em FocP na periferia de IP; e (c) foco informacional (“*in situ*”) é checado em FocP na periferia de VP. (MENUZZI, 2012:100)

Apesar de Menuzzi (2012) mencionar as clivadas nesta tabela, ela não discrimina quais tipos de clivadas, nem menciona se o termo “clivadas” faz referência a todas elas. A intenção de Menuzzi (2012) não é observar como se dá o foco exclusivamente nas sentenças clivadas, mas sim discutir teoricamente o que significam esses traços. Segundo o autor, a definição empregada desses termos revela uma certa redundância, identificando que todo traço contrastivo presume uma exaustividade (MENUZZI, 2012:103). O autor problematiza que a definição desses traços e suas relações são muito mais complicadas do que se apresenta na literatura, e compreendê-las demandaria propriedades pragmáticas e contextuais.

[o foco] não é, simplesmente, sinalizar alguma noção ampla de ‘material relevante’: antes, é sinalizar que uma certa alternativa – a assertada – ‘opera ou afeta um conjunto de alternativas relevantes contextualmente’. E, nos casos acima, ‘operar ou afetar este conjunto’ significa ‘ser a alternativa verdadeira, à exclusão das demais’ – isto é, ‘implicar exaustividade’. Mas é possível que haja outras maneiras de a alternativa assertada operar pragmaticamente sobre o ‘conjunto contextualmente relevante de alternativas’ (MENUZZI, 2012:120)

Apesar de reconhecer a discussão de Menuzzi (2012) sobre relativizar essas especificações e demonstrar que esses conceitos não são suficientemente exatos para distinguir os diferentes tipos de focos, nós iremos assumir e generalizar essas denominações para classificar os tipos de clivadas. A razão é que, mesmo não sendo a melhor e a mais precisa explicação, ela possui um caráter de generalização que será útil para uma descrição mais abrangente. Voltaremos a comentar sobre a necessidade de uma definição mais precisa de tipos de foco no capítulo 3.

Mioto (2004) propõe uma generalização interessante sobre a posição do elemento focado e sua interpretação semântica contrastiva/informativa. Segundo esse autor, um contexto típico para produzir um foco de informação é uma pergunta Wh:

1. Contexto informacional: O que João comprou?
2. Contexto contrastivo: João comprou aquela moto?

(72)

- | | |
|--|--------------------------|
| (a) O que o João comprou foi [_F aquele carro]. | [PC-Foco informacional] |
| (b) Foi [_F aquele carro] o que o João comprou. | [PC-Foco informacional] |
| (c) [_F Aquele carro] foi o que o João comprou. | [PCinv-Foco contrastivo] |
- (MIOTO, 2004:177)

(73)

- | | |
|--|-------------------------|
| (a) Foi [_F aquele carro] que o João comprou. | [CC- Foco ambíguo] |
| (b) [_F Aquele carro] foi que o João comprou. | [CCinv. - Foco ambíguo] |

(74)

- | | |
|---|-----------------------|
| João comprou foi [_F aquele carro]. | [SC-Foco contrastivo] |
|---|-----------------------|

Mioto (2004) afirma que, nas sentenças (72ab), o sintagma focalizado está após o verbo *ser*, portanto, segundo ele, *in situ*. Segundo o autor, essa posição remete a uma interpretação informacional. Assim, somente as sentenças (72ab) seriam possíveis para responder ao contexto 1. Já na PC-invertida (72c), o autor cita que a inversão entre cópula e sintagma focalizado impede a interpretação informacional, tornando-a contrastiva, adequada para contexto 2. Apesar de aceitar a análise de Mioto (2004), confessamos que não achamos que essa diferença entre os tipos de foco seja evidente. Já as sentenças CC em (69) parecem ser adequadas a ambos os contextos, portanto, um foco ambíguo que poderia responder às duas perguntas. No entanto, a SC em (74) parece, de fato, ter um caráter contrastivo. Logo, serve apenas para o contexto 2.

Na análise de Mioto (2004), haveria duas posições para o foco (FocP): a primeira é interna ao IP, que indica informação; já a segunda se localizaria na periferia esquerda da sentença e indicaria uma leitura contrastiva. Dessa proposta, decorre um problema demonstrado pelo próprio autor:

(75) O João comprou [_F um carro]. (...e não um avião)

Vemos na sentença (75) um sintagma que estaria *in situ*, mas que, mesmo assim, possibilita a leitura contrastiva. Neste caso, o autor propõe duas hipóteses para solucionar esse problema: (i) o FocP interno é ambíguo e o periférico não; ou (ii) cada posição corresponde a uma interpretação. “Neste caso, a derivação das sentenças deve contar (no mínimo) com o movimento do IP remanescente (*remnant movement*) (Kayne, 1994) para Spec de TopP” (MIOTO, 2004).

(76) [_{TopP} [_{IP} O João comprou t_i]_k [_{FocP} um carro [_{IP} t_k]]].

Em [76] há primeiro o movimento do constituinte focalizado para o Spec de FocP, cuja posição de base é marcada pelo vestígio t_i , e depois o movimento do IP para Spec de TopP, t_k marcando a posição de base do IP. (MIOTO, 2004:187).

Podemos perceber que a sentença exemplo de Miotto (2004) não é uma clivada. No entanto, é muito semelhante a uma SC (“João comprou *foi* um carro”). Por essa razão, KATO (2010) irá utilizar a mesma derivação para as SC. Voltaremos a essa discussão no capítulo 2, em que trataremos especificamente das SC.

De qualquer maneira, uma generalização a respeito do tipo de foco das clivadas é que elas podem veicular tanto um foco contrastivo quanto um foco informativo. As CC, se isoladas de contexto, podem, inclusive, apresentar ambiguidade quanto ao foco estabelecido. Já as PC terão algumas restrições quanto ao posicionamento de seus constituintes.

Apesar das similaridades das CC e PC em relação ao foco, no que diz respeito às SC, o foco não é ambíguo, ou seja, só existe interpretação contrastiva. Segundo Bosque (1999), ao analisar as SC do Espanhol Caribenhio, o foco nessas estruturas só é aceitável quando a informação não é presumida, ou seja, é exclusivamente contrastiva.

(77) A Maria comeu frutas?

(a) Maria comeu **foi** [_F pão]. (... e não frutas). [Foco contrastivo]

(78) O que a Maria comeu?

(a) ? Maria comeu **foi** [_F pão]. [Foco informacional]

Ao compararmos os contextos de (77) e (78), percebemos que o tipo de foco contrastivo (77a) nos parece mais adequado ao contexto, sem negar absolutamente a possibilidade de (78a) em PB.²¹ No entanto, concordamos com BOSQUE (1999) que as SC possuem, em contextos ideais, somente a opção de foco contrastivo.

Apesar de fazermos uma discussão focada na estrutura da sentença, reconhecemos a existência e a importância de uma larga bibliografia que trata da relação entre o contexto de enunciação e a interpretação de foco.²² Essa discussão será abordada em trabalhos futuros.

²¹ É possível que tais estruturas possam ter leitura informacional em algumas variedades do PB das regiões norte e nordeste do Brasil.

²²Essa discussão é apontada em autores como Kiss (1998), Zubizarreta (1998), entre outros.

1.2.4.3. Concordância entre o verbo *ser*, o foco e o verbo matriz

Nesta seção, buscaremos analisar os dados sobre a concordância de tempo, pessoa e número, entre os termos das sentenças clivadas. Mais especificamente as relações entre o elemento focado, o verbo das sentença matriz e o verbo *ser*. O objetivo principal será salientar as diferenças entre CC, PC e SC e observar se existem restrições de concordância entre os termos, o que evidenciaria dependências sintáticas entre eles.

Além do posicionamento dos componentes, apresentaremos agora alguns dados que levantam questões sobre as relações de concordância entre os termos das sentenças clivadas. Em primeiro lugar, veremos como nas três estruturas o verbo *ser* se comporta em concordância com o elemento focalizado:

(79)

- | | |
|--|--------|
| (a) São/É [_F as crianças] que <u>fazem/*faz</u> barulho. | [CC I] |
| (b) [_F As crianças] são/é que <u>fazem/*faz</u> barulho. | [CCII] |

(80)

- | | |
|---|----------|
| (a) São/É [_F os livros] o que <u>pesa/*pesam</u> na mala. | [PC I] |
| (b) [_F Os livros] são/é o que <u>pesa/*pesam</u> na mala. | [PCInv.] |
| (c) O que <u>pesa/?pesam</u> na mala é/são [_F os livros]. | |

(81)

- | | |
|---|-----------|
| (a) Eu <u>comi</u> foi/foram [_F os brigadeiros]. | [SC] |
| (b) <u>Chegou/chegaram</u> foi/foram [_F as pizzas]. | [SC-mono] |
| (c) Me ? <u>ajudaram/ajudou</u> foi/foram [_F os livros]. | [SC] |

Podemos perceber nos exemplos (79) a (81) que não existe uma restrição quanto ao número entre a cópula e o elemento focalizado, podendo ser realizada tanto no singular quanto no plural. Além disso, nas CC, a concordância entre o foco e o verbo da matriz é necessária, diferentemente do que ocorre nas PC. As SC, por sua vez, parecem permitir todas

as combinações entre o verbo da matriz e o verbo *ser*; com exceção de (81c), que parece precisar da concordância com o pronome átono.

No que diz respeito à concordância de pessoa do verbo *ser* com o foco, Kato (2009) diz que “com as pseudo-clivadas, a cópula concorda com o foco, enquanto a concordância dentro da relativa livre é sempre na terceira pessoa, pois o verbo [matriz] concorda com a cabeça da relativa livre, que é terceira pessoa”. Isso pode ser verificado em (78).

(82)

- (a) **Sou/?É** [_F EU] **quem** mais trabalha/*trabalho nessa empresa. [PC I]
- (b) [_F EU] **sou/?é quem** mais trabalha/*trabalho nessa empresa. [PCinv]
- (c) **Quem** mais trabalha/*trabalho nessa empresa **sou/?é** [_F EU]. [PC III]

adaptado de KATO (2009:378)

(83)

- (a) **Sou/É** [_F EU] **que** mais ?trabalha/trabalho nessa empresa. [CCI]
- (b) [_F EU] **sou/é que** mais ?trabalha/trabalho nessa empresa [CCII]

No caso das PC em (82), o verbo *ser* parece ser mais aceitável quando concorda com o foco, enquanto o verbo da sentença matriz fica na 3ª pessoa, conforme previsto por Kato (2009). No caso das CC, o verbo *ser* não necessita concordar a pessoa com o foco. Além disso, ao contrário das PC, o verbo matriz parece ficar mais aceitável quando concorda com o foco.

1.4. Resumo do capítulo

Neste capítulo buscamos fazer uma apresentação sobre o amplo grupo das sentenças clivadas do PB tentando organizar as discussões mais atuais sobre as diferenças entre as Clivadas Canônicas, as Pseudoclivadas e, brevemente, sobre as Semiclivadas. Devido à diversidade de análises sobre o assunto, buscamos definir de forma sucinta esses grupos. Entre as CC e as PC, a discussão gira em torno de considerar ou não a presença de relativas na composição dessas estruturas. Nas CC, Negrão & Miotto (2007) e Kato & Miotto (2009) reuniram argumentos para não considerar a presença de um CP do tipo relativo. Já nas PC, Resenes (2009) e Kato & Miotto (2015) reúnem argumentos que questionam a existência de uma relativa livre. Por fim, Kato e Miotto (2015) sugerem conceber o constituinte Wh ou o complementizador como itens funcionais que desempenhariam papéis diferentes das relativas. Além disso, os autores sugerem considerar o verbo *ser* enquanto uma “cópula funcional”, que também teria aspectos diferentes de uma cópula normal.

Também apresentamos alguns dados visando destacar algumas características que consideramos importantes, quais sejam: (i) o tipo de constituinte focalizado; (ii) o tipo de foco; (iii) a concordância entre verbo *ser*, o foco e o verbo matriz. A partir dessas generalizações construídas e da constatação das especificidades das SC, surgiram alguns questionamentos. A primeira questão diz respeito aos constituintes focalizados e algumas restrições sobre as SC fazerem foco em sujeito. Além disso, percebemos que as estruturas semiclivadas só possuem foco restritivo, enquanto as outras estruturas possuem também foco informativo. As sentenças SC também possuem uma estrutura fixa pós verbal e não possuem variações. Outra questão observada foi a inexistência de um elemento Wh nas semiclivadas, o que implica questionar se esse elemento foi apagado ou não existe sintaticamente. Essas questões serão retomadas no capítulo seguinte, no qual trataremos exclusivamente das análises das SC.

Capítulo 2 - Estruturas Semiclivadas no Português Brasileiro

Neste capítulo buscaremos aprofundar a análise das sentenças semiclivadas do PB. Iremos primeiramente esclarecer qual o estatuto dessas estruturas dentro do grupo das clivadas exibindo evidências que comprovam que as SC não são derivações de PC, mas sim um grupo próprio, com características específicas. Ao exemplificarmos as diferenças entre SC e PC, faremos também uma descrição das principais características dessas estruturas. Após esta descrição, exibiremos os principais teóricos que buscaram analisar essas estruturas, entre eles destacaremos, Bosque (1999), no espanhol caribenho, Resenes (2009, 2014) e Kato (2010) no PB. Discutiremos também as relações entre as SC e PC visando demonstrar dados que apontam que as primeiras não são reduções ou derivações das segundas. A partir destas definições, apresentamos resumidamente duas vertentes de análises sobre esses dados.

Kato (2010) irá se apoiar nas descrições feitas por Bosque (1999) e Camacho (2006) sobre essas estruturas no espanhol caribenho. No entanto, a autora irá expor algumas diferenças significativas entre as duas línguas. Kato (2010) se utiliza de uma proposta de derivação com base no movimento de um IP remanescente para a formação dessas sentenças. Essa proposta será criticada por Resenes (2014), que irá sugerir uma proposta baseando-se na teoria da predicação de Den Dikken (2006). A proposta de Resenes (2014) vai conceber uma divisão dentro do grupo das semiclivadas, as “verdadeiras” que são monoracioanais, e as pseudoclivadas reduzidas com um Wh do tipo *pro*.

Essas duas análises irão construir o aparato teórico para abordar as semiclivadas com 2 verbos *ser* no capítulo 3 a fim de verificarmos se as propostas das autoras são suficientes para analisar os novos dados.

2.1 Características em comum

Defendemos nesta seção que as sentenças semiclivadas (SC) são estruturas de focalização que integram o grupo das clivadas, juntamente com as clivadas canônicas (CC) e as pseudoclivadas (PC). Além disso, iremos expor a discussão que considera que as SC não podem ser consideradas “pseudoclivadas reduzidas”, mas sim um grupo à parte.

Abaixo, expomos alguns exemplos do que consideramos como uma estrutura semiclivada:

(84)

(a) O que João comprou foi um carro. [PC]

(b) João comprou foi um carro. [SC]

(RESENES, 2009:81)

Vamos considerar a sentença (84b) como uma sentença do tipo semiclivada. Segundo Resenes (2009)²³, com base nas análises de Bosque (1999) e Miotto (2008), a estrutura (84b) compartilha algumas características em comum com as PC como:

- (i) ambas são feitas para focalizar;
- (ii) só admitem leitura especificacional;
- (iii) a concordância temporal é obrigatória entre o verbo matriz e a cópula.

Acrescentaríamos na lista de Resenes (2009) o fato de que as SC, assim como as PC e CC, podem ser derivações de sentenças simples, no caso dos exemplos em (84), “João comprou um carro”.²⁴

Com relação ao item (i), as SC são estruturas que possuem como objetivo central a focalização de um constituinte, assim como as CC e as PC. No entanto, enquanto que nas CC e PC são inseridas estruturas com complementizador ou *Wh* e o verbo *ser*, nas SC aparece somente o verbo *ser*. Apesar dessa diferença, é notável que a estrutura da SC tem o objetivo funcional de focalização.

O item (ii) tem relação com a divergência teórica quanto à leitura ambígua das estruturas PC como especificacionais e predicacionais. Vimos no capítulo 1 que as análises mais recentes consideram somente as leituras especificacionais como sentenças clivadas. A

²³ Apesar de Resenes (2009) não utilizar essa nomenclatura de SC para esse tipo de estrutura, ela realiza uma importante discussão sobre por que esse tipo de estrutura não pode ser considerada uma redução de uma PC. A nomenclatura Semiclivada é encontrada em Resenes (2014).

²⁴ A relação entre sentenças simples e clivadas é demonstrada por Lambrecht (2001). No entanto, Resenes (2009) alerta que a condição de verdade da sentença simples não é a mesma que a da sentença clivada, considerando as questões relativas a interpretações contrastivas e informacionais. Segundo a autora, a correlação é derivada das funções gramaticais das sentenças simples que são mantidas nas clivadas.

leitura predicacional é considerada como copular comum. Iremos recuperar os exemplos (47), trazidos aqui como (85), e compará-los com as SC.

(85)

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| (a) O que a Maria é é escandalosa. | [PC (especificacional)] |
| (b) A Maria é é escandalosa. | [SC (especificacional)] |
| (c) O que a Maria é é escandaloso. | [cópula (predicacional)] |
| (d) *A Maria é é escandaloso. | [*SC (predicacional)] |

(RESENES, 2009:82)

Conforme já discutido no capítulo 1, nos exemplos de Resenes (2009), é possível observar que a PC (85a) só admite a leitura especificacional. A leitura predicacional em (85c) não é considerada uma clivada pela autora, mas sim uma estrutura copular. Nos exemplos de SC (85b e 85d), a opção especificacional (85b) é aceitável, já a opção predicacional (85d) é agramatical. O fato de que as SC possuem somente a leitura especificacional, tal qual as CC e as PC, é considerado um argumento para inserir essa estrutura dentro do grupo das clivadas.

A concordância temporal, item (iii) elencado por Resenes (2009), também aproxima as SC dos outros grupos, visto que somente o verbo *ser* copular pode ter concordância de tempo.

(86)

- (a) **O que** a Maria é é escandalosa.
- (b) **O que** a Maria foi é escandalosa.
- (c) ***O que** a Maria é **foi** escandalosa.

(RESENES, 2009:82)

(87)

- (a) A Maria é é escandalosa.
- (b) A Maria foi é escandalosa.
- (c) *A Maria é **foi** escandalosa.

(RESENES, 2009:82)

As sentenças dos exemplos (85), (86) e (87) são estruturas clivadas que possuem como verbo matriz uma cópula, fazendo aparecer na sentenças dois verbos *ser*. Desta forma, a

sentença simples originária de todas as estruturas é “A Maria é/foi escandalosa.” Desta forma, um dos verbos *ser* faz parte da estrutura copular e o outro da estrutura de focalização. Segundo Resenes, nos exemplos de (86) e (85), somente o verbo *ser* da estrutura copular tem concordância de tempo. A inserção do tempo no segundo verbo *ser* em (86c), (87c), torna a sentença agramatical. O verbo *ser* da estrutura de foco, aparece em sua forma *default*, na terceira pessoa singular. Importante adiantar que não iremos considerar as sentenças dos exemplos (87) como semiclivadas com 2 verbos *ser* (SC2*ser*), visto que cada verbo tem uma função diferente. As comparações entre SC de sentenças copulares e SC2*ser* serão demonstradas no capítulo 3.

Desta forma, as sentenças SC possuem ao menos três pontos relevantes que se assemelham a outras clivadas, que as possibilitam pertencer a esse grupo. No entanto, assim como as CC e as PC, as SC também têm diversas diferenças e peculiaridades que exploraremos a seguir.

2.2 SC ou PC-reduzidas?

Das diferenças elencadas pela literatura, a questão do Wh é algo importante para a distinção entre PC e SC. Nesta seção iremos contrapor a hipótese da existência de um elemento Wh nulo ou implícito na estrutura das SC.

A ausência do elemento Wh fez com que as estruturas SC fossem bastante discutidas entre os linguistas que as classificaram ora como uma pseudoclivada reduzida, ora como uma SC. Essa distinção é derivada de escolhas teóricas como a existência de um operador Wh nulo ou apagado na posição da periferia esquerda da sentença (SpecCP). Wheeler (1982), baseando-se no quadro teórico de Chomsky (1977), defendeu que o Wh poderia ser apagado. Já Toribio (1992), baseando-se em Chomsky (1981), defende a hipótese de um Wh não explícito (*covert*). Apesar de discordarem se o Wh é implícito ou apagado, tanto a proposta de Toribio (1992) quanto de Wheeler (1982) pressupõem a existência de tal constituinte, e, por consequência, analisam a estrutura sem Wh como uma derivação de PC, classificando-a como um PC-reduzida. Essas análises criam uma certa tradição nos estudos linguísticos e por esta razão é comum encontrarmos essa nomenclatura. Nas análises do PB, Kato (1996)

também argumenta a favor de um apagamento do elemento Wh concordando com a análise de Wheeler (1982):

[O autor] argumenta convincentemente que essas são PCs normais cujo sintagma-Q NÃO foi apagado depois do movimento para a formação da oração relativa em posição de sujeito. Portanto essas sentenças equivalem a [pseudoclivadas]. Essas sentenças poderiam ser chamadas de pseudo-clivadas reduzidas (PCrel[...]) (KATO, 1996: 334).

Podemos observar na análise de Kato (1996) a tendência de se chamar as estruturas em questão de pseudoclivadas reduzidas. Apesar desta teoria ter tido uma aceitabilidade grande, Bosque (1999) trouxe uma série de exemplos do Espanhol Caribenho e do PB que permitem argumentos empíricos e teóricos contra a análise de um operador Wh nulo. Além disso, os exemplos em Espanhol, são, em grande parte, semelhantes aos do PB. O texto de Bosque (1999) é um divisor de águas na análise das sentenças clivadas pois retira o protagonismo do elemento Wh das análises, explicitando a importância em considerar o verbo *ser* como central na análise.

Apesar de a análise de Bosque (1999) se concentrar majoritariamente no espanhol caribenho, é possível considerar alguns dos seus exemplos para o PB. O autor inicia a sua análise exemplificado a sentença que busca problematizar:

(88) Juan comía era papas.

Juan ate(IMPERF.3RD) was potatoes
'what John was eating was potatoes'

BOSQUE (1999:1)

(89) João comia era batata.

Vemos que o exemplo (88) do autor não possui uma contraparte no inglês, sendo necessária parafrasear com uma pseudoclivada. No entanto, no PB, a construção (89) é possível. Desta forma, podemos considerar que a análise de Bosque (1999) será útil também para a descrição desse tipo de estrutura no PB.²⁵

²⁵ Apesar de a análise de Bosque (1999), que foi feita majoritariamente para o espanhol caribenho, servir para compreender as sentenças no PB, é possível constatar algumas diferenças. As semelhanças e diferenças entre as SC do PB e do Espanhol Caribenho foram apontadas por Miotto (2004), Resenes (2009), Kato

O primeiro ponto que gostaríamos de destacar na análise de Bosque (1999) é a crítica realizada às propostas que consideram a existência de um elemento Wh, ou seja, propostas que consideram a estrutura (89) e (90) como derivações reduzidas de pseudoclivadas. Bosque (1999), generaliza essas teorias chamando-as de teorias de operadores Wh nulos (ou *null-operator theory* (NO)). Segundo o autor, a análise de Toríbio (1992) afirma que não seria possível focalizar o sujeito sem a utilização de um complementizador ou um Wh explícito:

“o critério-WH seria um caso especial de atração, em que as características de EPP em C forçariam o movimento de WH- para o Spec/CP. [...] Toríbio (1992) sugere que [as SC] contêm um operador A' nulo e um núcleo de C também nulo como mostrado em [91] (0 representa o constituinte operador WH- nulo) [...] O vestígio de objeto em [91] é definido lexicalmente por *comía*. Toríbio argumenta que se tivéssemos um vestígio de sujeito, não poderia ser licenciado pelo verbo, ele teria que ser regido por um complementizador explícito.” (BOSQUE, 1999:7).

(90) [_{CP} 0_i [_C Ø] Juan comía [_{t_i}] era papas].

(BOSQUE, 1999:9)

Vemos que na análise de Toríbio (1992), resumida por Bosque (1999) e esquematizada em (90), não poderia existir a possibilidade de uma SC fazer o foco em um sujeito. O esquema de Toríbio (1992) em (90) mostra o operador nulo em CP. No entanto, segundo Bosque (1999), alguns dados sugerem que é gramatical termos focalização em sujeito sem a utilização de um Wh, conforme os seguintes exemplos:

(91)

(a) ... me ajudou muito **foi** aquele livro sobre histeria.” (Wheeler, 1982)

(b) ... me da miedo **es** la arena” (Sedano, 1990)

BOSQUE (1999:10)

(92) Me surpreendeu muito **foi** o João.

Podemos observar que nos exemplos (91) e (92) o foco se dá nos sujeitos das sentenças, contradizendo a proposta de Toríbio (1992). Segundo Bosque (1999), a existência

(2010), entre outros. Outra questão importante sobre o texto de Bosque (1999) é que ele não se utiliza do termo semiclivada. Ele denomina a estrutura em (89) de “estrutura de focalização com verbo *ser*”.

desses dados é uma das razões para recusar a utilização da teoria do Wh nulo para a explicação dessa estrutura. Além disso, segundo o autor, se as SC fossem simples derivações de PC, a ausência do elemento Wh não deveria interferir em questões sintáticas ou semânticas, ou seja, PC e SC deveriam ter as mesmas propriedades. No entanto, vários autores²⁶ apontam características empíricas que mostram que SC e PC não possuem as mesmas propriedades. Iremos brevemente resumir algumas dessas propriedades:

(i) Foco contrastivo

As sentenças SC só podem ser realizadas em contextos contrastivos. As PC, por sua vez, podem ser também utilizadas em contextos informativos, conforme vimos no capítulo 1.

- | | | |
|------|---|--------------------------|
| (93) | O que Maria comeu? | [contexto informacional] |
| (a) | O que Maria comeu foi o bolo. | [PC] |
| (b) | ?? Maria comeu foi o bolo. | [SC] |
| (94) | Maria comeu a torta, né? | [Contexto contrastivo] |
| (a) | O que Maria comeu foi o bolo. [...e não a torta] | [PC] |
| (b) | Maria comeu foi o bolo. [... e não a torta] | [SC] |

(ii) Constituinte pré-verbal

Nas sentenças SC, o constituinte focalizado não pode ficar antes do verbo matriz:

- | | | |
|------|--|------|
| (95) | | |
| (a) | O que João precisa é de um emprego. | [PC] |
| (b) | João precisa é de um emprego. | [SC] |
| (96) | | |

²⁶ A compilação de todas essas diferenças entre PC e SC estão muito bem expostas na tese de Resenes (2014) a qual compila as observações de Bosque (1999), Kato (2010), Miotto (2008), Costa & Duarte (2001), além, é claro, de suas próprias observações.

(a) Um emprego é o que João precisa. [PC]

(b) *Um emprego é João precisa. [SC]

adaptado de BOSQUE (1999:13)

(iii) Focalização de VP com proverbo *fazer*

As sentenças PC podem focalizar com o proverbo *fazer*, já as SC, não:

(97)

(a) O que João fez **foi** cantar. [PC]

(b) * João fez **foi** cantar. [SC]

RESENESES (2014:25)

(c) round 6 era pra me fazer ter medo mas me **fez foi** chorar.²⁷

Nos exemplos trazidos por Resenes (2014), a autora defende que é impossível fazer o foco com o proverbo *fazer* em PB. Além disso, os exemplos com proverbo colocam em dúvida o fato de que toda sentença simples pode ser clivada. Neste caso não existem sentenças simples que possam ter originado o exemplo (97), ex.: * “João fez cantar”. A sentença original que mais se aproxima deveria ser “João cantou”, que só é possível mudando a sentença. Apesar de Resenes (2014) ter apontado essa restrição é possível encontrar exemplos em que a construção seja possível com uma cliticização, como em (97c). Além disso, autoras como Kato (2010) defendem que as sentenças com o proverbo *fazer* são possíveis em PB e essa restrição é particular ao Espanhol Caribenho, como veremos na próxima seção.²⁸

(iv) Construções superlativas

²⁷ https://twitter.com/Dudapaz_s/status/1444506481932517376.

²⁸ Como apontado pela prof^a Patrícia Rodrigues, seria necessário fazer uma diferenciação entre o fazer proverbo e o fazer causativo:

a. João fez a Maria chorar.

b. O que João fez foi fazer a Maria chorar.

Nos exemplos o verbo destacado é causativo. Em b vemos a coexistência de dois verbos fazer: o primeiro proverbo, e o segundo causativo.

A investigação específica sobre as construções clivadas com verbo fazer serão abordadas em trabalhos futuros.

Segundo Resenes (2014), PC são capazes de realizar tanto uma sentença superlativa quanto uma comparativa com a inversão advérbio-verbo:

(98)

(a) Do que o João gosta mais **é** de surfar. [PC]

(b) Do que o João mais gosta **é** de surfar. [PC]

RESENEs (2014:25)

Já nas sentenças SC, a única opção possível é com o advérbio após o verbo, ou seja, a opção comparativa:

(99)

(a) O João gosta mais **é** de surfar. [SC]

(b) *O João mais gosta **é** de surfar. [SC]

(v) concordância cópula-verbo

Nas sentenças SC, o verbo *ser* focalizador concorda com o verbo principal e com o foco sujeito. Já nas PC, essa concordância não é possível.

(100)

(a) Caí **fui** eu. (e não o João) [SC]

(b) Chorei **fui** eu. (e não o João) [SC]

(101)

(a) *Quem cá **fui** eu. [PC]

(b) *Quem chorei **fui** eu. [PC]

(vi) Concordância cópula-foco.

Segundo Resenes (2014), nas sentenças SC, a concordância entre o verbo *ser* e o foco só ocorre se o elemento focado for o sujeito da sentença (item v). Caso seja objeto, essa concordância não ocorre.

(102)

(a) O João convidou **foi/*foram** os meninos. [SC]

(b) O João trouxe **foi/*foram** os salgados. [SC]
(103)

(a) Quem o João convidou **foi/foram** os meninos. [PC]

(b) O que o João trouxe **foi/foram** os salgados. [PC]

RESENES (2014:26)

Segundo a autora, a aceitabilidade pode ser considerada marginal nas PC mas considera absolutamente agramatical em SC. Apesar de Resenes (2014) considerar a concordância nas sentenças (102) agramatical, pensamos que são tão possíveis quanto as PC.

(vii) focalização de par ordenado

Resenes (2014) aponta que essa característica foi apontada pela primeira vez por Costa & Duarte (2001) no PE (português Europeu) e por Kato (2010) no PB. Nas SC é possível focalizar todo um par ordenado, o que é impossível nas PC:

(104) O João deu foi um livro pra Maria. (e não uma revista pra Ana)

(105) #O que o João deu foi um livro pra Maria.

É possível notar que a PC (105) é possível mas não focalizando o DP *um livro* e também o PP *pra Maria* ao mesmo tempo.

(viii) Focalização de sujeito em verbos transitivos

Segundo Resenes (2014), nas sentenças SC existe a restrição de focalização em sujeitos quando o verbo é transitivo. O mesmo não ocorre nas PC:

(106) Quem comeu o bolo **foi** o João.

(107) *Comeu o bolo **foi** o João.

RESENES (2014:27)

(a) Me ajudou muito foi o livro de psicologia.

Apesar da autora apontar essa restrição, existem dados já documentados de focalização de sujeito quando envolver uma cliticização como em (107a). Além disso, a focalização em SC também ocorre quando os verbos são monoargumentais:

(108)

- (a) Chegou **foi** a conta (pra eu pagar).
- (b) Nasceu **foi** uma menina!
- (c) Apareceu **foi** um policial.
- (d) Caiu **foi** uma chuvarada, isso sim!
- (e) Telefonou **foi** o rapaz da funerária (pra nossa surpresa!)
- (f) Correu rápido **foi** o João.

RESENES (2014:28)

(ix) verbos de alçamento, auxiliares e modais

Essas restrições foram percebidas por Duarte & Costa (2001) e Mito (2008) e expõem a possibilidade que as SC façam foco com esses tipos de verbos, o que não ocorre com as PC:

(109)

- (a) A Maria parece **é** chorar.
- (b) *O que a Maria parece **é** chorar.

(110)

- (a) A Maria vai **é** viajar.
- (b) *O que a Maria vai **é** viajar.

(111)

- (a) A Maria anda **é** falando demais.
- (b) *O que a Maria anda **é** falando demais.

RESENES (2014:28)

(x) verbos modais

Resenes (2014) explica que a utilização de verbos modais nas construções PC e SC é possível, no entanto, a interpretação é diferente. Nas SC, temos tanto a leitura epistêmica (possibilidade, probabilidade) quanto a deôntica (dever, obrigação). Já nas PC, só existe a opção deôntica e não a epistêmica:

(112)

- | | |
|------------------------------|-----------|
| (a) O João pode é cantar. | [ambígua] |
| (b) O João deve é cantar. | [ambígua] |
| (c) O João pode/deve cantar. | [ambígua] |

(113)

- | | |
|---------------------------------|-------------------------|
| (a) O que o João pode é cantar. | [*epistêmica; deôntica] |
| (b) O que o João deve é cantar. | [*epistêmica; deôntica] |

RESENESES (2014:28)

Em suma, vimos que as descrições e os dados trazidos por Resenes (2009, 2014), Costa & Duarte (2001), Bosque (1999), Kato (2010) e Mito (2008) apontam algumas características que diferenciam PC e SC. Desta forma, as estruturas que intitulamos SC não podem ser consideradas uma derivação de PC mas sim uma estrutura única com características próprias.

A fim de termos uma exposição esquemática sobre as diferenças entre as SC e PC, produzimos a seguinte tabela com o objetivo de sintetizar as descobertas em pesquisas prévias:

Tabela 1: Diferenças entre Semiclivadas e Pseudoclivadas

	SC	PC
(i) Exclusivo foco contrastivo	Não	Sim
(ii) Constituinte pré-verbal	Sim	Não
(iii) Focalização de VP com proverbo fazer	Sim	Não

(iv) Construções superlativas	Sim	Não
(v) concordância cópula-verbo	Não	Sim
(vi) Concordância cópula-foco.	Não	Sim
(vii) focalização de par ordenado	Não	Sim
(viii) Focalização de sujeito em verbos transitivos	Sim	Não
(ix) verbos de alçamento, auxiliares e modais	Não	Sim
(x) verbos modais	Não	Sim

2.3 Propostas de análise sobre as SC

Na seção anterior buscamos expor que as SC não são derivações de PC, e, portanto, devem ser analisadas como estruturas específicas. Nesta seção exibiremos diferentes análises propostas para as estruturas SC, como Kato (2010), Resenes (2014) e Kato & Mito (2015).

2.3.1 Análise de Kato (2010)

O artigo de Kato (2010) tem por objetivo analisar e problematizar sentenças que a autora chama de “clivadas sem operador”, apesar de mencionar outras classificações como pseudoclivadas reduzidas ou semiclivadas. O objetivo central da autora é fazer uma proposta de descrição comparando-as com análises do Espanhol Caribeno, feitas por Bosque (1999) e Camacho (2006). Baseando-se na teoria construída para o Espanhol Caribeno, a autora também vai propor uma análise própria para essas estruturas no PB. Os exemplos da autora são:

(114)

- | | | |
|--|---|--------------------------|
| (a) Chegou foi [o Pedro]. | → | Foco no sujeito posposto |
| (b) O João leu foi [o novo livro do Pinker]. | | Foco no objeto direto |
| (c) O João fez foi [ler o livro]. | | Foco no VP |
| (d) O João deu um iPod foi [pro pai]. | | Foco no objeto indireto |
| (e) O João colocou os CDs foi [no porta-luvas]. | → | Foco no locativo |

A autora inicia expondo as análises de Wheeler (1982), Toríbio (1992) e de Costa & Duarte (2003), que consideram as SC enquanto derivações de PC.²⁹ Propostas que mostramos no início do capítulo. Kato (2010) irá contrapor essas análises com as propostas de Bosque (1999) e Camacho (2006) que analisam as SC no espanhol caribenho.

Após descrever várias diferenças entre PC e SC, Bosque (1999) irá sugerir uma análise que não leva em consideração uma derivação. As conclusões de Bosque (1999) sobre essas estruturas é resumida por Kato (2010):

- a) que elas não contem um OpØ
- b) que a cópula é um operador de foco e um item funcional designado para focalizar (contrastivamente) o constituinte que vem depois dela e
- c) que as semi-clivadas se restringem a focalizar elementos no domínio de VP.

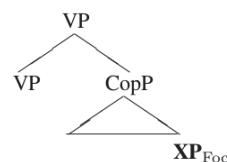
KATO (2010:62)

Na esteira de Bosque (1999), Camacho (2006) especifica que a restrição à focalização de elementos no domínio do VP ocorre pois o verbo *ser* operador de foco se adjunge ao VP. Kato (2010) resume que para o Camacho (2006),

a semi-clivada é um tipo de foco não marcado (que ele chama de *default*), sendo seu foco alinhado com o pico entoacional da sentença principal. Seu domínio é a fase forte mais baixa (VP), enquanto as clivadas têm seu domínio na fase forte mais alta (CP). A estrutura da semi-clivada³⁰ é [115a], em que um sintagma copular se adjunge ao VP. A estrutura [115a] é detalhada em [115b]. Por sua vez, a pseudo-clivada teria a estrutura em [115c], e a sentença não-marcada com foco informacional teria a estrutura [115d]. (KATO, 2010:65)

(115)

(a)

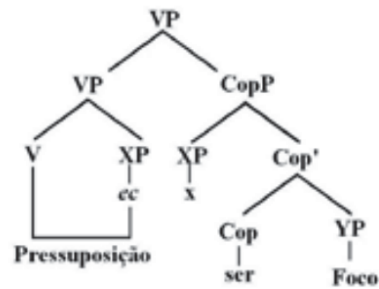


CAMACHO (2006:22)

(b)

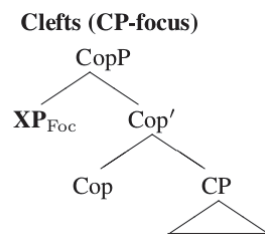
²⁹ Essas propostas consideram um operador-nulo (OpØ) ou um apagamento do pronome-Q.

³⁰ Camacho (2006) chama essas sentenças de FCS (Focus Construction Sentences).



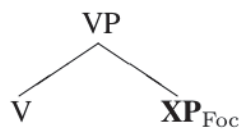
KATO (2010:65)³¹

(c)



CAMACHO (2006:22)

(d)



CAMACHO (2006:22)

Apesar de demonstrar a proposta de Camacho (2006), Kato (2010) alerta que não é possível fazer um paralelismo entre as sentenças do Espanhol Caribenho e o PB. Segundo a autora, algumas estruturas só são possíveis no PB, como a focalização com o provérbio *fazer* (116) e focalização de mais de um constituinte (117):

(116)

(a) * Juan hizo **fué** cantar.

³¹ Essa representação não está no artigo de Camacho (2006), aparentemente, foi produzida por Kato (2010).

BOSQUE (1999:14)

(b) João fez **foi** cantar / João fez **foi** chamar a polícia

KATO (2010:65)

(117)

(a) *Marta lo compró **fué** [pan a su abuela].

CAMACHO (2006:20)

(b) O João deu **foi** [o livro à Maria]

KATO (2010) *apud* COSTA & DUARTE (2003)

Segundo a autora, a característica que une as estruturas SC do PB e do Espanhol Caribenho são a exclusividade do foco contrastivo que ocorre no domínio do VP. Suas diferenças, como pode ser observado nos exemplos (116) e (117), são a realização de foco com o provérbio *fazer* e o foco em dois constituintes, ambas características só possíveis no PB.

Para buscar resolver todas as questões das SC do PB apontadas, Kato (2010) irá se apoiar nas propostas Camacho (2006) e Bosque (1999), além de considerar as seguintes assunções para sua análise:

(i) Uma sentença canônica não contém nenhum núcleo F, e o foco sentencial é obtido segundo a regra do acento nuclear, que cai no constituinte mais baixo da estrutura no PB, podendo o foco ser este ou qualquer elemento que o contenha.(CINQUE, 1993; ZUBIZARRETA, 1989).

(118) [O João [leu [o livro]_F]_F]_F

(ii) O domínio do VP se divide em dois sub-domínios: vP e VP, com o sujeito em Spec-vP e o domínio de VP contendo os dois argumentos internos.

(119)

(a) [_{TopP}Falar inglês [o Pedro falar+I [_{VP}~~falar inglês~~], mas não o francês.

(b) [_{TopP}~~Falar~~ inglês, o Pedro fala+I [_{VP}~~falar inglês~~], mas não o francês.
(movimento residual)

(120)

(a) É [falar inglês [que o Pedro tem medo de falar, não o francês.

(b) É [~~falar~~ inglês [que o Pedro tem medo de falar, não o francês.

(iii) O movimento argumental pode ter efeito contrastivo ou não; por outro lado, o movimento de VP é sempre contrastivo (KATO; RAPOSO, 2006) e pode ocorrer com verbo expresso (com cópia não apagada) ou pode se aplicar sobre o resíduo (movimento remanescente), com a cópia do verbo apagada.

(iv) As estruturas de foco se dividem em dois sub-domínios, o foco e a pressuposição (CHOMSKY, 1971). A parte pressuposicional de uma sentença deve ocupar uma projeção destinada a ela, a saber, TopP.

(v) A inserção de *do* funciona como *do-insertion/support* em casos de substituição de VP nos contextos elípticos do inglês.

(121)

- (a) John bought an iPhone and I **did** (it)(=bought an iPhone) too.
- (b) João comprou um iPhone e eu **fiz** o mesmo.

KATO (2010:67)

Tendo em vista essas assunções, Kato (2010) irá propor uma análise baseada na ideia do movimento residual do VP, o que ela aponta no item (iii). Para a autora, nas SC podem ocorrer duas situações, ou ocorre uma focalização de um VP residual após o movimento do verbo para I (122), ou a focalização de adverbiais adjuntos ao VP (123):

(122) O João leu **foi** [o livro].

- (a) [O João I [VP ler o livro]_{+F}] VP contém traços +F

-subida do V para I

- (b) [_{IP} O João leu_v [_{t_v} o livro]_{+F}]

- “merge” de F e movimento residual de VP para Spec de F

- (c) [_{FP} [_{VP} _{t_v} o livro] F [_{IP} o João leu_v [_{t_{VP}}]]]

Após a formação da estrutura em (122c) é inserida a cópula:

- (d) [_{IP} **foi** [_{FP} [_{VP} _{t_v} o livro]_{+F}] F [_{IP} o João leu _{t_{VP}}]]

- movimento do IP residual subordinado para TopP

- (e) [_{TopP} [_{IP} o João leu _{t_{VP}}] _{IP} [_{IP} **foi** [_{FP} [_{VP} _{t_v} o livro]_{+F}] F [_{IP} _{t_{IP}}]]]

O João leu foi o livro.

[Pressuposição] [Foco]

KATO (2010:68)

(123) O João leu o livro **foi** [ontem].

(a) O João leu [_{VP} t_V o livro [_{AdvP} ontem]_{+F}]

(b) [_{FP} [_{AdvP} ontem] F [_{IP} O João leu [_{VP} t_V o livro [_{AdvP} t_{adv}]]]]

(c) [_{IP} foi [_{FP} [_{AdvP} ontem] F [_{IP} O João leu [_{VP} t_V o livro [_{AdvP} t_{adv}]]]]]]

(d) [_{TopP} [_{IP} O João leu [_{VP} t_V o livro [_{AdvP} t_{adv}]]] [_{IP} foi [_{FP} [_{AdvP} ontem] F [_{IP} t_{IP}]]]]]

KATO (2010:68)

Essa análise explica também a razão de ser agramatical a focalização de sujeito com verbos transitivos em uma estrutura SC pois, segundo a autora, este é um elemento de fora do VP. Essa restrição ocorre tanto em Espanhol Caribenho, quanto em PB. Replicamos aqui o exemplos (106) e (107) da seção 2.2 item (viii).

(124)

(a) *Comeu o bolo **foi** o João.

(b) João comeu **foi** o bolo

De uma mesma forma, a análise de Kato (2010) explica por que é possível focalizar sujeitos com verbos inacusativos, visto que tais verbos não possuem vP e o sujeito é inserido dentro de VP:

(125) Chegou **foram** os ovos.

(a) [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_V [_{VP} os ovos]]]]]

- *Focalização do VP residual*

(b) [_{FP} [_{VP} t_V [_{VP} os ovos]] F [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]]]

- *Inserção da cópula e concordância por AGREE*

(c) [_{IP} foram [_{FP} [_{VP} t_V [_{VP} os ovos]] F [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]]]]]

- *Topicalização do IP-residual*

(d) [_{TopP} [_{IP} Expl [_I chegou_V [_{VP} t_{VP}]]]] [_{Top'} Ø [_{IP} foram [_{FP} [_{VP} t_V [_{DP} os ovos]]] [_{F'} Ø [_{IP} t_{IP}]]]]]]]

KATO (2010:71)

Outra questão importante explicada por KATO (2010) é a focalização em dois constituintes, característica exclusiva do PB. Segundo a autora, qualquer constituinte em VP poderá ser focalizado, inclusive mais de um.

(126) O João deu **foi** um iPod pro pai.

KATO (2010:73)

A análise de KATO (2010) explica as restrições de sujeito nas SC pois leva em consideração que a focalização em SC é exclusiva para elementos dentro do VP. Além disso, a autora propõe um movimento do IP remanescente para um TopP, local que será interpretado como conteúdo pressuposto, conforme está nas derivações (125e), (125d) e (125e).

No entanto, se Kato (2010) considera a focalização exclusiva em VP tanto para as sentenças do Espanhol Caribenhio quanto para PB, conforme (126), não fica claro por que a razão da focalização em dois constituintes não é possível em Espanhol Caribenhio, conforme exemplo (117), repetido como (127):

(127)

(a) *Marta lo compró **fué** [pan a su abuela].

CAMACHO (2006:20)

Desta forma, apesar de a análise de Kato (2010) sobre o foco em VP residual ser eficiente para explicar a estrutura SC do PB, algumas questões ainda ficam pouco claras. Segundo Resenes (2014),

Por que o traço F é sempre aplicado ao VP residual e por que só pode ser aplicado a ele? Não há nenhum argumento conceitual a esse favor. [...] Sabemos que processos de focalização não se restringem a VPs residuais, muito pelo contrário, seu alcance é vasto. [...] Outro ponto problemático na análise de Kato [2010] refere-se ao Agree proposto entre a cópula e foco, tal como em [124b] acima. Naquele ponto da derivação, propõe-se que a cópula no núcleo do IP matriz estabelece uma relação de Agree com o DP os ovos, integrante do VP que foi combinado com o núcleo Foc. O problema é que no ponto em que o DP *os ovos* está na periferia esquerda da sentença, ele já checkou todos os seus traços, portanto não é mais um alvo ativo para contrair relações de concordância de traços-phi. Crucialmente, o traço que deixa DPs ativos para esse tipo de concordância, o traço não-interpretável de Caso, já foi checkado nesse DP antes do movimento do VP para a periferia esquerda. Portanto, não há meios sintáticos para dar conta dessa concordância; o suposto Agree em [124b] não funciona. (RESENESES, 2014:35-36)

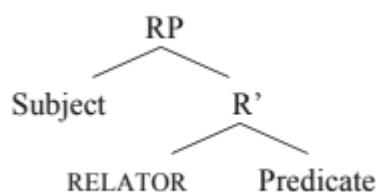
Desta forma, segundo Resenes (2014), a análise de Kato (2010) pode estar equivocada por não apresentar as razões da focalização exclusiva no VP além do problema com a concordância do verbo *ser*, naquele estágio de derivação.

2.3.2 Análise de Resenes (2014)

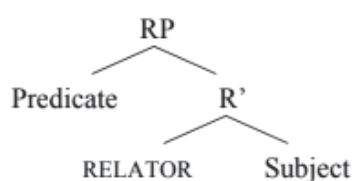
A base da argumentação de Resenes (2014) se dá pela teoria da predicação produzida por Den Dikken (2006) que pressupõe a existência de um núcleo funcional abstrato (chamado *Relator*) como mediador entre dois termos ou constituintes que podem ser, por exemplo, uma estrutura copular, preposição, *VoiceP* (vP) ou a categoria de tempo. Além disso, esse núcleo funcional abstrato tem a característica de ser assimétrico e não-direcional. Segundo Resenes (2014),

Sendo o RELATOR um núcleo funcional abstrato que pode ser “encarnado” por qualquer núcleo funcional já existente no inventário lexical, o RP, estrutura de uma predicação canônica, tal como ilustrada em [128], consiste em uma configuração sintática ao invés de uma afirmação sobre o léxico. (RESENESES, 2014:47)

(128)



(129)



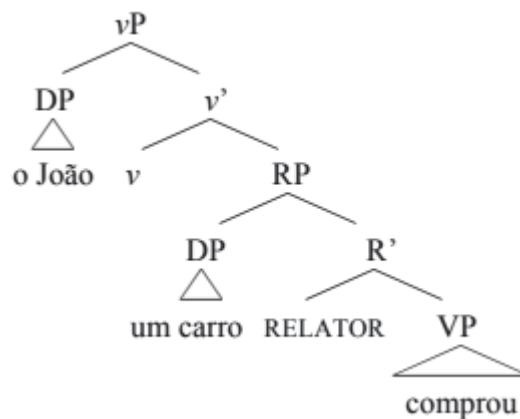
Vemos que na teoria da predicação de Den Dikken (2006), o núcleo funcional também poderá assumir uma estrutura direcional (128) ou não direcional, como (129). Além desse pressuposto teórico, Resenes (2014) irá assumir que o complemento do verbo também será introduzido por uma categoria funcional, tal qual o vP (VoiceP) que introduz o sujeito ou argumento externo dos verbos.³² Desta forma, segundo a autora, a estrutura de uma sentença transitiva simples seria:

(130) João comprou um carro.

(a) [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP} um carro [_{R'} RELATOR [_{VP} comprou]]]]]³³

³² KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: Johan Rooryck and Laurie Zaring, eds. *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 109-137. 1996

³³ Essa seria a primeira fase da derivação. A próxima fase, Inversão de PRedicado.



(RESENESES, 2014:59)

[em 130], há duas relações de predicação. Na primeira, o VP, nucleado pelo verbo, é predicado do objeto um carro (o objeto é o ‘sujeito’ do VP) – predicação que é, sistematicamente, mediada por um RELATOR. Na segunda, o constituinte formado por essa estrutura de predicação (=RP) é subsequentemente predicado do sujeito da sentença, o João; tal predicação, por sua vez, é mediada pelo v, o RELATOR nesse caso. (RESENESES, 2014:59)

É baseando-se nestas relações que Resenes (2014) irá dividir o grupo das SC em “verdadeiras”³⁴ e PC-reduzidas. Enquanto as análises anteriores consideraram as SC como exclusivamente derivações de PC ou exclusivamente como estruturas independentes, a análise de Resenes (2014) irá considerar ambas hipóteses classificando-as como “verdadeiras SC” e PC-reduzidas.

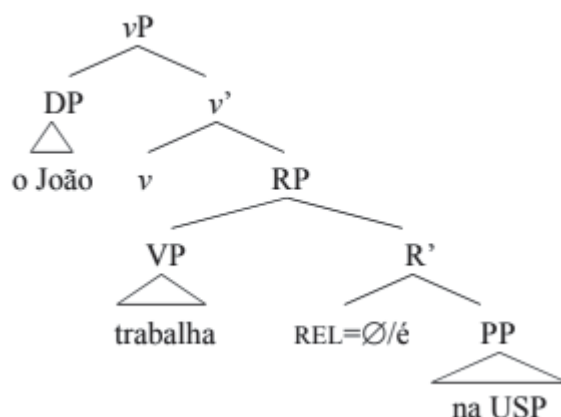
2.3.2.1 Semiclivadas “verdadeiras”

As versões verdadeiras ocorreriam na lexicalização do *relator* pelo verbo *ser*, gerando assim uma relação de foco:

(131) João trabalha **é** na USP.

(a) [_{VP} o João [_{v'} v [_{RP} [_{VP} trabalha] [_{R'} RELATOR={∅/é} [_{PP} na USP]]]]]

³⁴ Iremos nos referir a versão ‘verdadeira’ ou monoracional de Resenes (2014) como SC.



(RESENESES, 2014:62)

Segundo a autora, na sentença em (131) o núcleo *relator* lexicalizado pelo verbo *ser* faz a focalização sobre o predicado da relação de predicação, deixando os elementos *in situ*. É possível notar que o PP *na USP* é adjunto do verbo inergativo *trabalhar*. Já quando o foco recai sobre o objeto do verbo que, segundo a teoria da predicação, seria o ‘sujeito’ da predicação relevante, a estrutura é aquela proposta em (128). No entanto, a obediência desta ordem e a inserção dos constituintes *in situ* tornaria a sentença agramatical:

(132) * João um carro **foi** comprou

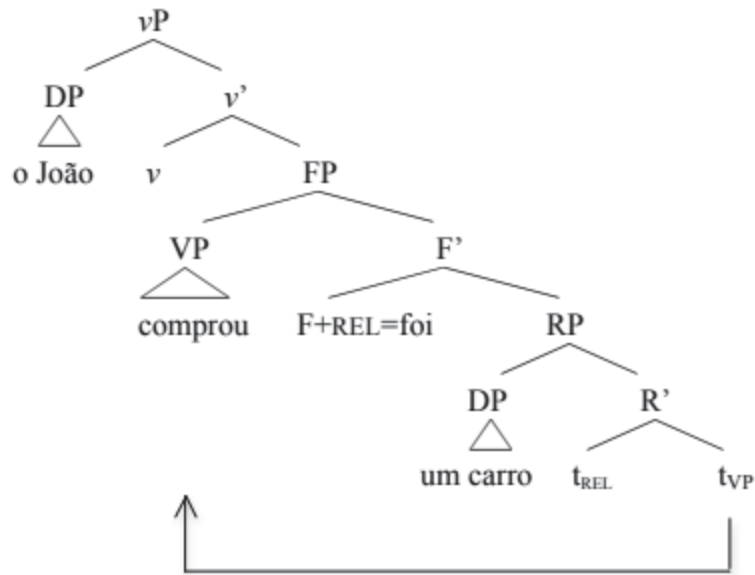
Para solucionar essa questão, a autora explica a necessidade de aplicar uma operação extra na derivação, chamada de *Inversão de predicado*³⁵. Nesta operação VP é “é alçado para uma posição A sobre o objeto, como retratado em [(133)], forçando a presença de um LINKER cujo spell-out é, como sabemos, a cópula:” (RESENESES, 2014:68)

³⁵ De forma muito resumida, a Inversão de Predicado, segundo a teoria da predicação de Den Dikken (2006), propõe que a inversão de uma ordem canônica no PB obriga a existência de um núcleo adicional chamado LINKER que é lexicalizado por uma cópula, no caso o verbo *ser*:

- (i) A retirada da tropa parece (ser) a melhor solução.
- (ii) A melhor solução parece *(ser) a retirada da tropa.

Segundo a teoria da predicação, a inversão da predicação em (ii) obriga a existência de um verbo *ser* copulativo ligando as partes.

(133) $[_{vP} \text{ o João } [_{v'} v [_{FP} [_{VP} \text{ comprou}]_i [F+\text{RELATOR}=\underline{\text{foi}}] [_{RP} \text{ um carro } [_{R'} t_{REL} t_{VP}]]]]]]]$



(RESENES, 2014:68)

Desta forma, a autora generaliza que, nas estruturas semiclivadas, é exigida a inversão do predicado e a consequência é o surgimento de um LINKER, que, segundo a autora, é lexicalizado pelo verbo *ser*. Ainda segundo Resenes (2014), a diferença entre a uma sentença simples como (130) e a SC (133) seria que

sempre que o VP inverte com o seu sujeito (o objeto), há a emergência de uma cópula e o objeto ganha o estatuto de foco da sentença; por outro lado, quando não há Inversão de Predicado, V sobe para o RELATOR [...] e depois para *v*, produzindo o *output* simples VO de [130]. (RESENES, 2014:68)

Esta análise interpreta essas estruturas de forma monoracional e é estendida a outras configurações com foco em predicados secundários, como orações bitransitivas. Os principais problemas desta análise se dão com dados de verbos monoargumentais com foco no sujeito. Ao analisar a concordância de traços-phi em SC com verbos monoargumentais, a autora se vê obrigada a adaptar a sua análise:

(134)

- | | |
|---------------------------------------|--|
| (a) Caí fui eu. (e não o João) | a'. Chorei fui eu. (e não o João) |
| (b) */??Caí foi eu. | b' */??Chorei foi eu. |

(RESENESES, 2014:81)

No exemplo (134) é possível perceber que nas SC com verbo monoargumentais inacusativos, é necessária a concordância do verbo *ser* com o sujeito do verbo matriz. No entanto, conforme alerta a autora, essa concordância não é necessária nas PC, em que o verbo matriz não concorda com o sujeito:

(135)

- | | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| (a) *Quem caí fui eu. | a'. *Quem chorei fui eu. |
| (b) *Quem caí foi eu. | b' *. *Quem chorei foi eu. |

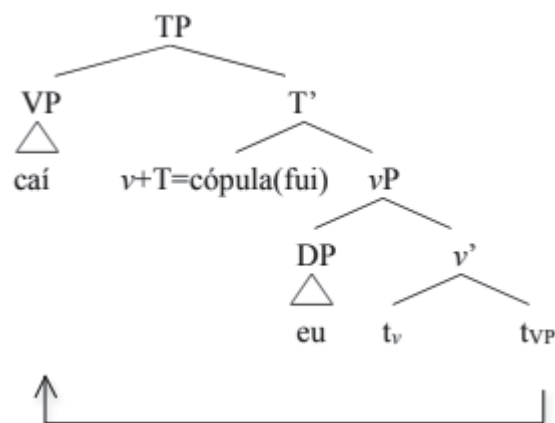
(RESENESES, 2014:81)

Nas sentenças em (135) só seriam possíveis com o verbo na terceira pessoa, *caiu* e *chorou*. Ou seja, não existe concordância entre o elemento focalizado e o verbo matriz. Segundo a autora, essas sentenças como (134a) seriam SC “verdadeiras” a concordância ocorre a seguindo esta derivação:

Quanto à concordância, o complexo T+v concorda, via *Agree*, com o sujeito de primeira pessoa do singular no SpecvP e com o verbo principal V (que, antes da Inversão de Predicado, está no domínio de c-comando de T). A cópula, então, lexicaliza T (o LINKER aqui), logo, igualmente realiza os traços-phi de T, exibindo a mesma concordância com o sujeito. Portanto, a derivação [abaixo] garante que tanto o verbo quanto a cópula manifestem concordância de traços-phi com o sujeito focalizado: [134a] é bem formada, [134b] não.

(136)

- | |
|---|
| (a) [T [_{VP} eu [_{v'} v [_{VP} V=caí]]]]] |
| (b) [_{TP} eu _i [_{T'} V+v+T=caí [_{VP} t _i [_{v'} t _v [_{VP} tV]]]]]]] |
| (c) [_{TP} [_{VP} caí] [_{v'+T=cópula} [_{VP} eu [_{v'} t _v t _{VP}]]]]] |



(RESENES, 2014:83)

Desta forma, Resenes (2014) consegue explicar a concordância dos traços-phi entre o verbo *ser*, verbo matriz e o elemento focalizado. Para a autora, as SC “verdadeiras”, são aquelas em que o foco é realizado no objeto dos verbos transitivos, no sujeito de verbos inacusativos e em adjuntos, casos estes em que a concordância é necessária.

2.3.2.1 Pseudo clivada reduzida

Para a autora, as PC reduzidas são derivadas de um tipo específico de PC compreendida como uma *self-answering question*³⁶, ou seja, uma estrutura tópico comentário em sua estrutura wh seria uma interrogativa que sofria a elipse de um constituinte:

(137)

- (a) O que ele tem que fazer agora?
- (b) (Ele tem que) cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

(138) O que ele tem que fazer agora é (ele tem que) cuidar de si mesmo e trabalhar mais.

(RESENES, 2014:179)

Segundo essa proposta, a PC (138) seria a união da pergunta (137a) com a resposta (137b), em que o trecho “*ele tem que*” seria apagado (*string elipse*). No entanto, visto que em PB tanto a estrutura relativa quando a interrogativa utilizam um mesmo wh, a autora sugere a

³⁶ Segundo Resenes (2014) a análise de PC como *self-answering questions* é defendida por Ross (1972, 1992, s/d(a,b,c), 2000, 2004, 2011).

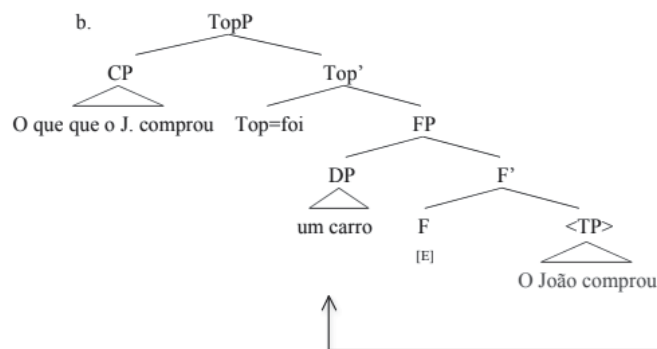
utilização de duplo preenchimento no CP a fim de atestar a presença de uma interrogativa neste tipo de PC:

(139)

- (a) O que que o João comprou foi um carro.
- (b) Onde que o João mora é no centro.

(RESENES, 2014:174)

Segundo a autora, nas PC em (139) as sentenças wh, cujo CP é duplamente preenchido, só podem ser uma interrogativa e não uma relativa. Uma característica importante destacada pela autora é que este tipo específico de PC só ocorre com a posição inicial do wh e não pode ser invertida. Estas sentenças teriam uma relação tópico-comentário em que a interrogativa se combinaria em posição A' com um tópico, tal qual a seguinte representação:



(RESENES, 2014:181)

As sentenças como (139a) são muito mais comuns em sua forma sem o complementizador, ou com uma sentença interrogativa sem ocupar duplamente o CP, na visão da autora.

A análise desse tipo específico de PC é utilizada por Resenes (2014) para explicar algumas exceções com relação a SC de foco em sujeito e sua relação atípica de concordância. Se por um lado vimos que nas sentenças SC (134b) é necessária a concordância entre o verbo *ser* e a foco (sujeito), por outro existem exemplos que sugerem o contrário:

(140)

- (a) ?Morreu **fui** eu.
- (b) Morreu **foi** eu.

(c) Chegou **foram** as crianças.

(d) Chegou **foi** as crianças.

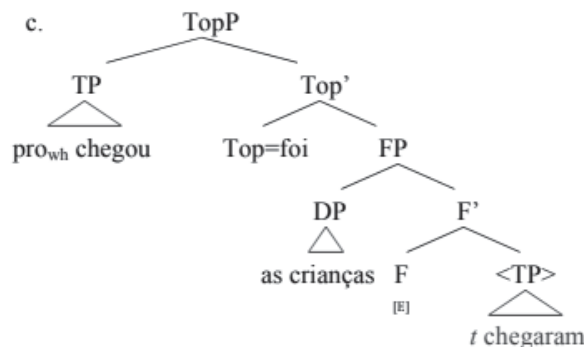
(RESENES, 2014:242)

Vemos que os exemplos (140) que a concordância entre o verbo *ser* e a cópula não é necessária, contrariando a generalização de concordância nas SC. A autora explica que nestes casos, essas sentenças SC seriam uma versão reduzida das PC de formato *self-answering questions*, em que o *wh* seria apagado. Desta forma, a redução não seria o apagamento de um *wh* pertencente a uma relativa-livre - conforme defendem diversos autores - mas sim de uma sentença interrogativa. Para justificar essa análise, Resenes (2014) sugere a presença de um *wh* do tipo *pro* na derivação destas sentenças:

Embora não ocorra em português, a omissão do operador-*wh* em perguntas é pelo menos uma opção disponível na Gramática Universal e, crucialmente, indisponível para relativas livres. Como a oração-*wh* das pseudoclivadas do tipo A é uma pergunta-*wh*, presumimos que seja logicamente possível reduzir tais pseudoclivadas de modo que o resultado sejam as pseudoclivadas reduzidas aqui tratadas. (Resenes, 2014:256)

(141)

(a) [_{TopP} [_{TP} *pro_{wh}* chegou] [_{Top'} cópula [_{FP} as crianças [_{<TP>} *t* chegaram]]]]



(RESENES, 2014:263)

Em resumo, a análise de Resenes (2014) sobre as SC defende que o grupo das SC possuem um tipo “verdadeiro” monoracional que corresponde à maioria das estruturas; e um grupo menor, com características idiossincráticas (como questões de concordância, por exemplo) que seriam versões reduzidas de um tipo específico de PC, compreendida como

uma estrutura bioracional de tópico e foco estilo *self-answering questions*, com a presença de um wh do tipo *pro*, que não seria pronunciado.

2.5 Resumo do capítulo

Esse capítulo se dedicou a expor as discussões específicas sobre as SC, visando ressaltar características que endossam o pertencimento dessas estruturas dentro do grupo das clivadas, como (i) a especialização da estrutura em focalizar; (ii) a exclusividade da leitura especificacional e (iii) a concordância entre o verbo *ser* e o verbo matriz.

Após esta primeira apresentação, exibimos resumidamente as discussões teóricas sobre considerar ou não as estruturas SC como reduções de PC. Foram levantados dez pontos divergentes entre SC e PC ao compararmos dados expostos por teóricos como Resenes (2009, 2014), Kato (2009), Bosque (1999), entre outros. Essas divergências demonstraram que as estruturas SC não podem ser generalizadas como meras reduções de PC, mas sim estruturas próprias.

A partir destas constatações, exibimos duas vertentes de análise que admitem hipóteses monoracionais para as SC: a primeira feita por Kato (2009) e a segunda por Resenes (2014). A análise de Kato (2010) é baseada nas análises feitas por Bosque (1999) e Camacho (2006) sobre essas estruturas. A autora propõe que as SC sejam derivadas considerando o movimento de um IP residual (de conteúdo pressuposto) para TopP após a inserção da cópula. Já a análise de Resenes (2014) se utiliza da teoria da predicação de Den Dikken (2006) para analisar as estruturas. Segundo a autora, o grupo da SC pode ser dividido em SC “verdadeiras” e versões reduzidas de PC específicas. O primeiro grupo, considera que o objeto do verbo seria o ‘sujeito’ da predicação dentro de um núcleo funcional chamado Relator. A focalização deste elemento demandaria a inversão deste predicado fazendo surgir um segundo núcleo funcional do tipo Linker, lexicalizado pelo verbo *ser*. Já o segundo tipo de SC seria uma redução de um tipo específico de PC considerada como uma *self-answering questions*, com um wh do tipo *pro*, o que explicaria diversas restrições de concordância. As descrições e análises exibidas neste capítulo servirão de base para avaliarmos e descrevermos os dados que intitulamos como semiclivadas de duplo *ser* no capítulo 3.

Capítulo 3 -Semiclivadas de duplo *ser*

Neste capítulo buscamos fazer uma descrição das estruturas que chamamos de sentenças semiclivadas de duplo *ser* (SC2*ser*). Os dados autênticos foram colhidos exclusivamente na rede social Twitter, por meio do sistema de busca do site. Com base nos dados, elaboramos uma descrição inicial mostrando a diferença entre essas sentenças e SC construídas a partir de sentenças copulares. Dada a semelhança entre SC e as SC2*ser*, testamos a nossa hipótese de que as SC2*ser* podem ser consideradas como um subgrupo das SC comparando esses dois tipos de estruturas. Para tal, comparamos 10 características exclusivas das SC, apontadas no capítulo 2, com dados de SC2*ser* elaborados pelo autor e avaliados de acordo com nossos parâmetros de aceitabilidade e gramaticalidade. Como grande parte das propriedades apontadas são comuns tanto às SC quanto às SC2*ser*, estabelecemos que ambas estruturas pertencem ao mesmo grupo. Após, exibimos algumas propriedades específicas das SC2*ser*, como restrições de focalização, questões de concordâncias e peculiaridades na sua estrutura. As propriedades citadas são confirmadas com dados autênticos colhidos na rede social. Por fim, dado as semelhanças entre as SC e as SC2*ser*, utilizamos as análises feitas por Kato (2010) e Resenes (2014) sobre as SC e testamos suas possibilidades explicativas sobre as SC2*ser*.

3.1 Dados sobre as semiclivadas de duplo *ser*

Nesta seção expomos alguns dados que apresentam as sentenças SC2*ser* no PB. Esses dados foram obtidos no Twitter – uma rede social bem difundida, com milhares de usuários de todas as idades, regiões e diversas condições sociais. As postagens são limitadas a 280 caracteres e podem ser respostas a outras postagens, sendo possível, em alguns casos, ter acesso ao contexto de produção para uma tentativa de análise de contrastividade. Os dados foram extraídos utilizando a ferramenta de busca específica da plataforma da forma “foi é”, “era é”, “é é”, entre outras possibilidades. Dentro dos resultados encontrados, obtivemos diversas sentenças que parecem não ter a mesma estrutura de CC, PC mas se assemelham

muito ao grupo das SC. Por esta razão, apenas para diferenciá-la dos demais grupos, iremos chamar essa estrutura de semiclivada de duplo *ser* (SC2*ser*). As razões serão apontadas nas seções a seguir.

Dessa forma, as sentenças que consideramos como SC2*ser* são as seguintes:

- (142) Detesto violência, mas nesse caso ele apanhou **foi é** [_F pouco]! [...] ³⁷
- (143) Início de um sonho, deu tudo.... deu **foi é** [_F ruim] pro Fortão. ³⁸
- (144) essa palestra serviu pra eu ter certeza que meditação não é pra mim, saí **foi é** [_F estressada] plm ³⁹
- (145) Achei a prova **foi é** [_F fácil] ⁴⁰
- (146) véi tá repreendido kakakakaka, esses mlk virou **foi é** [_F fã] mss ⁴¹
- (147) Não entendi **foi é** [_F nada]. Memória comprometida a dele. ⁴²
- (148) Se tem uma coisa que eu não tenho dó é de corno!! Mineirinha, tu fez **foi é** [_F pouco], minha fia!! ⁴³
- (149) Mas começou a ver Jojo depois disso Fez **foi é** [_F piorar].
- (150) Mesmo de férias o dia começou **foi é** [_F cedo] hoje ein kerelium? Bora fazendo ⁴⁴
- (151) Achei que ia cair o mundo e não choveu **foi é** [_F nada]. ⁴⁵
- (152) Eu tinha **era é** [_F q botar um croped] ⁴⁶
- (153) Lá no trabalho tinha **era é** [_F muita], mas controlei e não comi ⁴⁷
- (154) Ele já tinha **era é** [_F outra] ⁴⁸
- (155) Fazia **era é** [_F tempo] que não ia para casamento. Nem consigo lembrar do último. ⁴⁹

³⁷ <<https://twitter.com/AliQuintiliano/status/1323472085402951680>> Acesso em 22/03/2022.

³⁸ <<https://twitter.com/LeoXboxVerso/status/1503886986720993284>> Acesso em 22/03/2022.

³⁹ <<https://twitter.com/jaskdapaixao/status/1503871402268672000>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁰ <<https://twitter.com/FonsecaaPrr/status/1503785979735388165>> Acesso em 22/03/2022.

⁴¹ <<https://twitter.com/kamilalirax/status/1503905294639935488>> Acesso em 22/03/2022.

⁴² <<https://twitter.com/CrisRocco/status/1503934696929083396>> Acesso em 22/03/2022.

⁴³ <<https://twitter.com/toshiosoueu/status/1503905580058128393>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁴ <<https://twitter.com/feliipekikuti/status/1504083040196345861>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁵ <https://twitter.com/aninhaa_dias/status/1329136421509148677> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁶ <<https://twitter.com/RuteAzevedo17/status/1492278067309555713>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁷ <<https://twitter.com/FrangaPreta/status/1458610825460125696>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁸ <<https://twitter.com/raianebueno2317/status/1468258624019603463>> Acesso em 22/03/2022.

⁴⁹ <<https://twitter.com/marcoscstanp/status/1495058737647820800>> Acesso em 22/03/2022.

(156) e os idiotas da torcida do santos ainda cantam que o santos salvou o centenário, eu teria **era é** [_F vergonha] de falar uma coisa dessas ⁵⁰

(157) Pensando aqui, se eu falasse tudo o que eu penso, eu seria **era é** [_F expulsa] sério, mas vou ficar na minha, entendedores, entenderão⁵¹

As sentenças de (142) a (157) são uma pequena amostra de dados autênticos conseguidos na rede social Twitter. É possível perceber que nestas sentenças existe a intenção de focalização ou destaque do elemento após a estrutura composta pelo duplo *ser*. Além disso, assim como as SC, a propriedade deste foco é somente contrastiva, não sendo possível a interpretação informacional. Nos dados acima também é possível perceber uma concordância entre um dos verbos *ser* com o tempo do verbo matriz, a saber no pretérito perfeito (142-151) e imperfeito (152-157). Destacamos também o exemplo (149) que faz uma focalização de VP com a ajuda do provérbio *fazer*, tal qual as SC. Nos dados encontrados é também possível observar que o segundo verbo *ser* é na terceira pessoa singular e que a concordância incide sobre o primeiro verbo.

3.1.1 Comparação de SC2*ser* com SC

Devido à configuração linear e concatenada de dois verbos *ser* seria natural considerar alguns tipos de SC como uma SC2*ser*, no entanto, ao compararmos os dois tipos de sentença, é possível perceber algumas diferenças:

Semiclivadas com sentenças copulares:

- | | |
|--|--------------------|
| (158) A Maria foi é [_F escandalosa]. | [SC + Cópula] |
| (a) A Maria foi escandalosa. | [Sentença copular] |
| (b) *A Maria escandalosa. | |

(159) eu era é feia. ⁵²

⁵⁰ <<https://twitter.com/paulocec/status/1427722319976411145>> Acesso em 22/03/2022.

⁵¹ <<https://twitter.com/strengthcarla/status/1454101671253004289>> Acesso em 22/03/2022.

⁵² <<https://twitter.com/macatildoamong/status/1380209610880118793>> Acesso em 23/03/2022

- (160) Ele foi **é** falso [...] ⁵³
 (161) Foi **é** burra isso sim, se tivesse chamado outra pessoa estaria na casa até hj ⁵⁴
 (162) Que coragem? Kkk ela foi **é** escrota ⁵⁵

Semiclivada com dois verbos *ser*:

- (163) Ele ficou **foi é** [_F bonito]. [SC2*ser*]
 (a) Ele ficou **foi/é** [_F bonito]. [SC]
 (b) Ele ficou bonito. [sentença simples.]

Nas sentenças apresentadas, consideramos as sentenças (158) a (162) como semiclivadas estruturadas a partir de sentenças copulares e (163) como uma semiclivada de duplo *ser*. Como na maioria dos casos, as clivadas possuem uma relação de igualdade com uma sentença não-clivada, propomos um teste de exclusão da estrutura de foco para tentar obter a sentença originária. Se excluirmos a estrutura de foco da sentença (158) temos a sentença copular (158a) em que o verbo *ser* é, obviamente, uma cópula, pois sua exclusão resulta em (158b), uma sentença agramatical.⁵⁶ Desta forma, sustentamos que em (158) um dos verbos *ser* da sentença é o formador de foco, e o outro é o verbo copular tradicional. Portanto (158) é uma SC formada a partir de uma sentença copular. Outros dados autênticos do mesmo tipo são os dados (159) a (162).

Já em (163) o mesmo não ocorre. Ao excluirmos um dos verbos *ser*, a sentença continua sendo uma semiclivada (163a), ou seja, mantendo várias de suas características. Como a sentença resultante continua sendo uma formação clivada, é possível uma segunda vez a estrutura de foco, resultando na sentença gramatical (163b).

No que diz respeito às SC, a presença de uma SC + cópula faz surgir uma dúvida sobre qual dos verbos *ser* é responsável pela cópula e qual é responsável pelo foco. Vimos no capítulo 2 que é comum a possibilidade do *ser* focalizador ficar na terceira pessoa, com forma *default*.

⁵³ <<https://twitter.com/MarieStellaPzf/status/1501403008722161665>> Acesso em 23/03/2022

⁵⁴ <<https://twitter.com/loolapaluzza/status/1504048133357150213>> Acesso em 23/03/2022

⁵⁵ <<https://twitter.com/viniciusmatos93/status/1504063969136455680>> Acesso em 23/03/2022

⁵⁶ Essas sentenças são agramaticais no PB, mas são possíveis em línguas como Russo ou Árabe em que há a possibilidade de construções de cópula nula.

Nos exemplos tentaremos forçar a estrutura clivada em sentenças copulares, invertendo padrões de concordância, para verificar qual dos verbos é a cópula e qual é o elemento focalizador:

(164)

- | | |
|--|-----------|
| (a) O que a Maria é é escandalosa. | [PC+cop.] |
| (b) O que a Maria foi é escandalosa. | [PC+cop.] |
| (c) * O que a Maria é foi escandalosa. | [PC+cop.] |

(165)

- | | | |
|---|---|-----------|
| (a) Maria é é escandalosa | → | [SC+cop.] |
| (b) Maria foi é escandalosa | | [SC+cop.] |
| (c) * Maria é foi escandalosa | | [SC+cop.] |
| (d) *Maria foi foi escandalosa ⁵⁷ | | |

(166)

- | | |
|---|-----------------------------|
| (a) * Maria é é é escandalosa. | [SC2 _{ser} + cop.] |
| (b) * Maria foi é é escandalosa. | [SC2 _{ser} + cop.] |
| (c) * Maria é foi é escandalosa. | [SC2 _{ser} + cop.] |
| (d) * Maria é é foi escandalosa. | [SC2 _{ser} + cop.] |
| (e) * Maria foi foi é escandalosa. | |

Vemos nos exemplos (164) e (165) que tanto nas PC quanto nas SC a inserção de tempo só é permitida no primeiro elemento *ser*, como (164b) e (165b) e a sua inserção na segundo verbo (164c) e (165c) torna a sentença agramatical. Interessante perceber que, aparentemente, nas SC2_{ser} (166) não seria possível fazer a sua construção a partir de uma estrutura copular com verbo *ser*, exigindo desta forma três verbos *ser* concatenados. Apesar disso, é possível encontrar alguns dados mostrando o contrário:

⁵⁷ Exemplo sugerido pela prof. Patrícia Rodrigues, que considera essa sentença gramatical. Discordamos desta avaliação visto que, aparentemente, segundo os dados, o segundo verbo *ser* tem a forma padrão *é* e não se apresenta diferente em nenhum exemplo encontrado.

(167)

- (a) Eu sei que devem falar isso todo o tempo pra vc, mas **seria era é** a cara do Rafa e sorrindo ela é a sua cara.⁵⁸
- (b) Pensando aqui, se eu falasse tudo o que eu penso, eu **seria era é** explusa sério, mas vou ficar na minha, entendedores, entenderão.⁵⁹

Nos dados (167) é possível perceber a construção SC2*ser* adicionada de uma cópula *ser*; concatenando três verbos *ser*, com funções diferentes e, neste caso, tempos diferentes. Além disso é possível construir um SC2*ser* com outros verbos copulares:

(168)

- (a) Maria ficou **foi é** triste.
- (b) Maria andou **foi é** preocupada.
- (c) Maria estava **era é** com dor.
- (d) Maria permaneceu **era é** imóvel.

(169) A sopa deveria ter sido feita **era é** com carne, não osso!

As sentenças em (168) deixam evidente a possibilidade de que as SC2*ser* podem ser feitas a partir de construções copulativas, apresentando restrições quanto à utilização do *ser* copular (166). Todavia, algumas considerações devem ser levantadas. Por exemplo, o fato de tais construções parecem ser muito mais produtivas na 3ª pessoa do pretérito perfeito, imperfeito e, mais raramente, no futuro simples. Além disso, em (169) vemos a possibilidade de se fazer uma sentença passiva em que as posições de tempo, modo e aspecto estejam ocupadas por auxiliares somada com posições funcionais ocupadas pelos verbos *ser*:

Outras comparações também são possíveis de serem observadas quando comparamos as SC com as SC2*ser*. No capítulo 2, inserimos 10 características intrínsecas às SC, em contraposição às CC e PC. Vemos que as SC2*ser* podem ser incluídas em várias delas:

⁵⁸ Disponível em <<https://twitter.com/aaloloow/status/1452963293006553094>> Acesso em 22/03/2022.

⁵⁹ Disponível em <<https://twitter.com/strengthcarla/status/1454101671253004289>> Acesso em 22/03/2022.

(i) Foco contrastivo

A contrastividade parece ser comum entre as SC e as SC2_{ser}, no entanto, a presença do segundo verbo *ser* parecer acrescentar ou intensificar o foco. Iremos discutir essa propriedade mais adiante. Além disso é perceptível uma maior aceitabilidade da sentença SC2_{ser} sem o determinante.

- | | | |
|-------|--|------------------------|
| (170) | Maria comeu a torta, né? | [Contexto contrastivo] |
| (a) | Maria comeu foi o bolo. [... e não a torta] | [SC] |
| (b) | ?Maria comeu foi é o bolo [... e não a torta] | [SC2 _{ser}] |
| (c) | Maria comeu foi é bolo [... e não torta] | [SC2 _{ser}] |

(ii) Constituinte pré-verbal

Nas sentenças SC e SC2_{ser}, o constituinte focalizado não pode ficar antes do verbo matriz. Isso é possível em outras clivadas.

- | | | |
|-------|---|-----------------------|
| (171) | | |
| (a) | João precisou é de um emprego. | [SC] |
| (b) | *Um emprego é João precisou. | [SC] |
| (c) | João precisou foi é de um emprego. | [SC2 _{ser}] |
| (d) | *Um emprego foi é João precisou. | [SC2 _{ser}] |

(iii) Focalização de VP com provérbio *fazer*

As sentenças SC tem algumas restrições para focalização com o provérbio *fazer*. O mesmo ocorre com as SC2_{ser}. Iremos resgatar o exemplo de Kato (2010) para as SC.

- (166b) João fez **foi** cantar.⁶⁰

⁶⁰ Reiteramos que o exemplo é aceito por Kato (2010) mas não é por Resenes (2014). Além disso, as SC do espanhol Caribenho, segundo Bosque (1999) também não aceitam SC com provérbio fazer.

(172)

- (a) ?? João fez **foi** é cantar. [SC2*ser*]
(b) João me fez **foi** é morrer de preocupação. [SC2*ser*]

Julgamos que a construção de SC2*ser* com *proverbo fazer*, como em (172a) é pouco aceitável, mas possível. Também não encontramos nenhum dado que possa demonstrar essa utilização. No entanto, a utilização do verbo *fazer* enquanto causativo, com cliticização, como em (172b), é aceitável.

(iv) Construções superlativas

Nas sentenças SC, a única opção possível é com o advérbio após o verbo, ou seja, a opção comparativa:

(173)

- (a) O João gostou mais **foi** de surfar. [SC]
(b) *O João mais gostou **foi** de surfar. [SC]
(c) O João gostou mais **foi** é de surfar. [SC2*ser*]
(d) *O João mais gostou **foi** é de surfar. [SC2*ser*]

(v) concordância cópula-verbo

Nas sentenças SC, o verbo *ser* focalizador concorda com o verbo principal e com o foco sujeito. Já nas SC2*ser*, não parece ser possível fazer essa concordância. A princípio, as SC2*ser* parecem só concordam com o verbo em terceira pessoa singular.

(174)

- (a) Caí **fui** eu. (e não o João) [SC]
(b) Chorei **fui** eu. (e não o João) [SC]
(c) * Cai **fui** é eu (e não o João). [SC2*ser*]
(d) * Chorei **fui** é eu. (e não o João) [SC2*ser*]
(e) Chorou **foi** é ele. [SC2*ser*]
(f) ?? Choraram **foram** é eles. [SC2*ser*]

Alertamos que essas dissonâncias podem não ser uma restrição propriamente dita, mas sim questões dialetais quanto ao uso do plural. Ao compararmos (174f) e (174g) vemos que a última parece mais aceitável.

(vi) Concordância cópula-foco.

Segundo Resenes (2014), nas sentenças SC, a concordância entre o verbo *ser* e o foco só ocorre se o elemento focado for o sujeito da sentença (item v). Caso seja objeto, essa concordância não ocorre. Aqui novamente parece ocorrer uma restrição quanto a DP determinados, como já apontado na seção (i).

(175)

- | | |
|--|-----------------------|
| (a) O João convidou foi/*foram os meninos. | [SC] |
| (b) O João trouxe foi/*foram os salgados. | [SC] |
| (c) ?? O João convidou foi/*foram é os meninos. | [SC2 _{ser}] |
| (d) O João convidou foi/*foram é meninos. | [SC2 _{ser}] |

(vii) focalização de par ordenado

Nas SC é possível focalizar todo um par ordenado, já nas SC2_{ser} o escopo do foco parece se restringir somente a um elemento e não a todo o predicado.

(176)

- | | |
|--|-----------------------|
| (a) O João deu foi [um livro pra Maria.] (e não uma revista pra Ana) | [SC] |
| (b) ??? O João deu foi é [um livro pra Maria.] | [SC2 _{ser}] |
| (c) O João deu foi é [um livro] pra Maria. (e não uma revista) | [SC2 _{ser}] |

(viii) Focalização de sujeito em verbos transitivos

Nas sentenças SC existem algumas restrições de focalização em sujeitos quando o verbo é transitivo, mas é possível quando há alguma cliticização (177b). Nas SC2_{ser} também se percebe a mesma restrição (177c), que se mantém até mesmo com a presença de clíticos (177d). No entanto, ao retirar o determinante do constituinte focalizado, a sentença parece se tornar mais aceitável ainda que marginal. Além disso,

como na SC, as SC2_{ser} mantêm a possibilidade de foco em sujeito com verbos monoargumentais (178), desde que com determinantes indefinidos ou nominais nus.

(177)

- | | |
|---|-----------------------|
| (a) *Comeu o bolo foi o João. | [SC] |
| (b) Me ajudou muito foi o livro de psicologia. | [SC] |
| (c) *Comeu o bolo foi é o João. | [SC2 _{ser}] |
| (d) *Me ajudou muito foi é o livro de psicologia. | [SC2 _{ser}] |
| (e) ??? Me ajudou muito foi é livro de psicologia. | [SC2 _{ser}] |

(178)

- | | |
|---|-----------------------|
| (a) Chegou foi a conta (pra eu pagar). | [SC] |
| (b) Chegou foi é conta (pra eu pagar). | [SC2 _{ser}] |
| (c) Nasceu foi uma menina! | [SC] |
| (d) ?Nasceu foi é uma menina! | [SC2 _{ser}] |
| (e) Nasceu foi é menina. | [SC2 _{ser}] |

(ix) verbos de alçamento, auxiliares e modais

As SC fazem foco com esses tipos de verbos. No entanto, a SC2_{ser} parece ter restrições com o verbo *ir* no pretérito perfeito (179d), mas no futuro do pretérito não (179e).

(179)

- | | |
|--|-----------------------|
| (a) A Maria parece é chorar. | [SC] |
| (b) A Maria pareceu foi é chorar. | [SC2 _{ser}] |
| (c) A Maria parecia era é exausta. | [SC2 _{ser}] |
| (d) A Maria vai é viajar. | [SC] |
| (e) *A Maria foi foi é viajar. | [SC2 _{ser}] |
| (f) A Maria iria era é viajar. | [SC2 _{ser}] |
| (g) A Maria anda é falando demais. | [SC] |
| (h) A Maria andou foi é falando demais. | [SC2 _{ser}] |

(x) verbos modais

Nas SC, temos tanto a leitura epistêmica (possibilidade, probabilidade) quanto a deôntica (dever, obrigação). O mesmo parece ocorrer com as SC2_{ser}, ocorrendo somente algumas restrições quando ao tempo. :

(180)

- | | |
|---|----------------------------------|
| (a) O João pode é cantar. | [SC] [ambígua] |
| (b) O João pôde foi é cantar. | [SC2 _{ser}] [ambígua] |
| (c) O João podia era é cantar. | [SC2 _{ser}] [ambígua] |
| (d) João vai poder é cantar. | [SC] |
| (e) ??? O João vai poder vai ser é cantar. | [SC2 _{ser}] |

Desta forma, vimos que as SC2_{ser} são bastante semelhantes às SC, possibilitando encarar as SC2_{ser} como um subgrupo das SC. No entanto, ainda é possível estender um pouco mais discutindo mais precisamente algumas características mais específicas.

A seguir, assim como no capítulo 2, fizemos uma tabela comparando os elementos analisados entre as SC, PC e SC2_{ser}. O objetivo é resumir as questões e evidenciar a relação entre SC e as SC2_{ser}.

Tabela 2: Diferenças entre Semiclivadas, Pseudoclivadas e SC2_{ser}

	SC	PC	SC2 _{ser}
(i) Exclusivo foco contrastivo	Não	Sim	Não
(ii) Constituinte pré-verbal	Sim	Não	Sim
(iii) Focalização de VP com proverbo fazer	Sim	Não	Sim
(iv) Construções superlativas	Sim	Não	Sim
(v) concordância cópula-verbo	Não	Sim	Não
(vi) Concordância cópula-foco.	Não	Sim	Não

(vii) focalização de par ordenado	Não	Sim	Não
(viii) Focalização de sujeito em verbos transitivos	Sim	Não	Sim
(ix) verbos de alçamento, auxiliares e modais	Não	Sim	Não
(x) verbos modais	Não	Sim	Não

3.2 Características gerais das semiclivadas de duplo *ser*

3.2.1 Tipo de foco

Devido às semelhanças, consideramos que as semiclivadas de duplo *ser* (SC2*ser*) são um grupo específico das semiclivadas e compartilham grande parte das restrições e características, como sua interpretação exclusivamente contrastiva no contexto conversacional. No entanto, as SC2*ser* possuem algumas idiossincrasias bastante salientes. A primeira delas diz respeito à sua natureza restritiva que parece ser ligeiramente diferente das SC tradicionais:

(181) Contexto: Você relaxou na praia?

(a) Eu voltei **foi** estressada.

[SC]

(b) Eu voltei **foi é** estressada.

[SC2*ser*]

No contexto de (181) julgamos que a resposta (181a) pressupõe que “estressada” e “relaxada” podem ser opções plausíveis de estado da pessoa que retornou da praia. No entanto, a resposta (181b) coloca a característica “estressada” como uma condição nova e não plausível dentro das possibilidades contextuais causando assim uma situação inusitada do contexto conversacional. Admitimos que a diferenciação entre o tipo de foco dessas duas sentenças é bastante sutil e que nossa leitura é bastante subjetiva e deve ser testada em pesquisas futuras tratando especificamente da semântica e pragmática desta construção. Todavia, temos a hipótese de que diferenciação do tipo de foco envolvido entre sentenças SC2*ser* e SC pode estar ligada a discussões mais profundas que não abordamos neste trabalho, por exemplo, as discussões abordados por Menuzzi (2012) e por Teixeira & Menuzzi

(2014). Segundo esses autores, a divisão das clivadas entre “informacionais” e “contrastivas” é muito superficial e não denota o verdadeiro panorama semântico dessas estruturas. A fim de suprir essa falha, os autores sugerem uma abordagem considerando efeitos de exaustividade envolvendo o contexto pragmático e o item focalizado. Dentro desta perspectiva, Teixeira & Menuzzi (2014) levantam ao menos 7 situações diferentes, admitindo poder existir ainda outras:

- (i) “identificação por exclusão”
- (ii) “identificação por exatidão”
- (iii) “identificação por exclusão, mas não de todas as alternativas potenciais”
- (iv) “identificação por exatidão, sem exclusão de alternativas potenciais”
- (v) “identificação, por “maior exatidão”, de hipônimo e exclusão de hipônimos”
- (vi) “identificação por exclusão por evocação de hiperônimo a partir de hipônimo”
- (vii) “identificação por meio de ordenação e comparação de alternativas”

Adaptado de TEIXEIRA & MENUZZI (2014:82)

Segundo os contextos trazidos pelos autores, avaliamos que a diferença entre as SC e as SC2_{ser} pode ser compreendida mais precisamente dentro dos diversos contextos expostos. Por ora, temos a hipótese de que enquanto as SC poderiam ser utilizadas em vários desses contextos, as SC2_{ser} seriam mais propensas a serem utilizadas exclusivamente em contextos como (ii) “identificação por exatidão”. Neste contexto, conforme Teixeira & Menuzzi (2014), o foco corrige a informação pressuposta, ele indica “alternativas implícitas, não diretamente manifestas no contexto.” Todavia, como já citamos, para uma aferição mais precisa, seriam necessárias comparações pontuais e avaliação dos contextos enunciativos individuais. Desta forma, nos restringiremos a apontar a possibilidade de que os tipos de foco entre as estruturas SC e SC2_{ser} podem ser diferentes, deixando uma análise mais precisa para futuros trabalhos.

3.2.2 Maior produtividade com tempo passado.

Os dados encontrados sugerem que as sentenças SC2*ser* são mais produtivas em tempos passados em que o primeiro verbo *ser* recebe concordância de tempo, principalmente, ao passado perfeito e imperfeito da terceira pessoa singular (*foi/era*). No entanto foram encontrados algumas ocorrências da construção utilizando o futuro simples. Independente do tempo verbal do verbo principal e a concordância realizada pelo primeiro verbo *ser*, o segundo verbo *ser* se mantém invariavelmente na terceira pessoa do presente singular (*é*). Desta forma, essas estruturas se limitam a construções feitas sobre eventualidades ocorridas antes do momento de fala, ou seja, no passado (perfeito ou imperfeito) ou futuro do pretérito:

(182)

- (a) A Maria comprou **foi é** muita coisa.
- (b) A Maria comprava **era é** muita coisa.
- (c) A Maria ia comprar **era/*seria é** muita coisa.
- (d) A Maria vai comprar **será é** muita coisa.
- (e) A Maria vai comprar **vai ser é** muita coisa.
- (f) *A Maria compra **é é** muita coisa.

Consideramos os exemplos (182abcde) que compreendem os tempos passado perfeito, imperfeito e futuro simples como aceitáveis. Aparentemente, a exceção se dá com os tempos presente (182f). Além disso, quando inserida no contexto do futuro do pretérito, a concordância é feita no imperfeito como em (182c). Como exemplo de dados, foram encontrados somente SC no futuro, mas não SC2*ser*.

(183)

- (a) [...] ele vai comer **é** tudo do quarto kkkk #BBB22⁶¹ [SC]
- (b) Já vai perder **é** a namorada, isso sim.⁶² [SC]
- (c) ele vai comer **vai ser/será é** tudo do quarto. [SC2*ser*]
- (d) Já vai perder **vai ser é** a namorada [SC2*ser*]

⁶¹ Disponível em <<https://twitter.com/LeticiaSMaia25/status/1511541319683948545>> Acesso em 22/03/2022.

⁶² Disponível em <<https://twitter.com/AnaPegasi/status/1346137553532035074>> Acesso em 22/03/2022.

Nos exemplos (183ab) vemos que apesar de a sentença estar no futuro, o verbo *ser*, responsável pela produção do foco, permanece na terceira pessoa do presente.

3.2.1 Constituinte focalizado

Tal qual as SC, as *SC2ser* possuem restrição de focalização em sujeito com verbos transitivos, mas possível com verbos monoargumentais. As *SC2ser* apresentam a restrição com todos os sujeitos.

- | | |
|--|-------------------------|
| (184) João comeu bolo. | [Simples - transitivo] |
| (a) João comeu foi [_F bolo]. | [SC-Obj] |
| (b) João comeu foi é [_F bolo]. | [SC2 <i>ser</i> - Obj] |
| (c) * Comeu bolo foi [_F o João] | [SC -Suj.] |
| (d) * Comeu o bolo foi é [_F o João] | [SC2 <i>ser</i> - suj] |
| | |
| (185) João trabalhou muito ontem. | [Simples - inergativo] |
| (a) Trabalhou muito foi [_F João] ontem. | [SC-suj] |
| (b) ?? Trabalhou muito foi é [_F João] ontem. | [SC2 <i>ser</i> -suj] |
| | |
| (186) Uma pizza chegou fria. | [Simples - Inacusativo] |
| (a) Chegou fria foi uma pizza. | [SC-suj] |
| (b) ?? Chegou fria foi é [_F uma pizza.] | [SC2 <i>ser</i> -suj] |
| (c) Saiu foi é a cachorra do carti do palco ⁶³ | |

Os dados (184cd) confirmam que as sentenças *SC2ser* podem possuir as mesmas restrições que SC quanto à restrição de focalização de sujeito em verbos transitivos. No entanto, quando tentamos construir a estrutura com verbos monoargumentais, temos resultados diferentes. A sentença (185a) e (186a) são aceitáveis, conforme previsto para as

⁶³ Disponível em <<https://twitter.com/oldcartier/status/1454267647856623622>> Acesso em 22/03/2022.

SC, mas a (185b) e (186b) são marginal. Em nossa pesquisa encontramos somente uma entrada para focalização de sujeito com monoargumentais em (186c).

Além desta restrição, nas sentenças SC2_{ser} parece haver uma maior aceitabilidade quanto à definitude do elemento focalizado. Em outras palavras, quando o foco é formado sobre um elemento definido (um DP), a SC2_{ser} parece ficar menos aceitável.

(187)

- | | |
|--|-------------------|
| (a) João gastou foi é muito. | [Adverbio] |
| (b) João ficou foi é feio. | [Adjetivo] |
| (c) João escreveu foi é correndo. | [CP] |
| (d) ? João comeu foi é a fruta. | [DP - definido] |
| (e) ? João comeu foi é uma fruta. | [DP - indefinido] |
| (f) João comeu foi é fruta. | [Bare noun] |

Vemos nos exemplos em (187) que quando o elemento focalizado é composto de advérbios (187a), adjetivos (187b), CP (187c), nominais nus (187f), as sentenças são mais aceitáveis. No entanto, com um DP definido ou indefinido (187d,e) as sentenças parecem menos aceitáveis. Apesar do nosso julgamento, alguns dados provam que existem exemplos com DP tanto definido quanto indefinido:

(188)

- (a) tamires perdeu **foi é** a linha pprrt ⁶⁴
- (b) juliette acertou **foi é** a final ⁶⁵
- (c) O 3 pegou **foi é** a mãe de um deles ⁶⁶
- (d) deus largou **foi é** a mão de todo mundo e mandou um belo tnc p gnt ⁶⁷
- (e) Esse diabo pegou **foi é** um protozoário ,de tanto lambar o khul do genocida. ⁶⁸
- (f) Paguei 20 conto ali num dog que dizia ter uma linguíça lá da Rússia, mas btf que a muier matou **foi é** um cachorro e fez espetin ⁶⁹

⁶⁴ https://twitter.com/_belfort2/status/1295901033642819584

⁶⁵ <https://twitter.com/hoopaxx/status/1371659207909474304>

⁶⁶ <https://twitter.com/Carecaaaaa/status/1288393795319599104>

⁶⁷ <https://twitter.com/liuatwoz/status/1459568932738719746>

⁶⁸ <https://twitter.com/samuel57778083/status/1440505149399584777>

⁶⁹ <https://twitter.com/tsglenyson/status/1402803938991218693>

Vemos que nos exemplos (188) temos a focalização em DP definidos (188abcd) e indefinidos (188ef). Portanto, apesar do nosso julgamento, as SC2*ser* não apresentam restrições de focalização em DP, nem com qualquer tipo de sintagma. As restrições parecem ser as mesmas que nas SC, ou seja, restrições de sujeito com verbos transitivos. Nos dados colhidos, podemos observar que as SC2*ser* possuem alta aceitabilidade da advérbios.

3.2.4 Concordância

Como já citamos em algumas seções anteriores, as SC2*ser* parecem não aceitar concordância de número ou pessoa com o verbo matriz, mantendo-se sempre na terceira pessoa singular.

(189) Eles apanharam **foi é** pouco [número]

- (a) * Eles apanharam **foram é** pouco.
- (b) * Eles apanharam **foi eram** pouco.
- (c) Comeram foi é tudo ⁷⁰

(190) Ele apanhou **foi é** pouco. → [pessoa]

- (a) *Eu apanhei **fui é** pouco.
- (b) *Nós apanhamos **fomos é** pouco.
- (c) apanhei **foi é** pouco tentando silenciar um grupo do discord ⁷¹

(191) Ele apanhava **era é** pouco. [tempo]

- (a) ? Ele vai apanhar vai **ser é** pouco.
- (b) * Ele apanha **é é** pouco.
- (c) ? Ele apanharia **seria é** pouco.
- (d) Tava vendo que eu ia apanhar **era é** da Força mkkkkkkkk ⁷²

⁷⁰ <https://twitter.com/blehhblehbluh/status/1294735081236553729>

⁷¹ <https://twitter.com/viturdgs/status/1389339025039785986>

⁷² <https://twitter.com/DieleAlves5/status/1214781546038747137>

- (e) o Logan vai tomar **vai ser** é um Paul tlgdkkkkkk siga para mais jokes⁷³
- (f) [...] tapas que a mami vai dar **vai ser** é pouco⁷⁴

Vemos nos exemplos de (189) a (191) que as SC2*ser* só aceitam concordância de terceira pessoa, singular. No que diz respeito ao tempo, a construção é mais produtiva no passado perfeito e imperfeito, possuindo alguns exemplos no futuro simples como em (191ef). Quando o tempo do verbo matriz é o futuro do pretérito, em (191d) a concordância é feita no imperfeito. A concordância no presente não é aceitável.

3.2.3 Estrutura

A estrutura das sentenças SC2*ser* parece ser o que mais destoa das outras clivadas, visto que possui dois verbos *ser* para a realização do foco. Como já vimos, o primeiro verbo *ser* concorda em tempo com o verbo matriz, mas o segundo fica em sua forma *default*, na terceira pessoa do singular e essa sequência não é alternável:

(192)

- (a) Já Bolsonaro roubou **foi** é o caráter de boa parcela que votou nele [...] ⁷⁵
- (b) *Já Bolsonaro roubou **é foi** o caráter de boa parcela que votou nele.

(193) Ele apanhou **foi** é pouco.

- | | |
|--|-------------------------------|
| (a) * Ele foi é apanhou pouco. | [Posição pré verbal] |
| (b) * Foi é ele apanhou pouco. | [Posição pré verbal] |
| (c) * Foi ele apanhou é pouco. | [Separação dos constituintes] |
| (d) * Ele foi apanhou é pouco. | [Separação dos constituintes] |

⁷³ <https://twitter.com/nickolaszap/status/1401726981499146241>

⁷⁴ <https://twitter.com/rosiabsurda/status/1492209061777002500>

⁷⁵ <https://twitter.com/Rodes40/status/1255269739393429504>

(e) * Ele apanhou **foi** pouco é.

[Separação dos constituintes]

Vemos no exemplo (192) que os dois verbos *ser* não podem ser invertidos e o primeiro é o que realiza a concordância. Além disso, em (193), pode-se observar que a posição pré verbal para os dois verbos (193a-b) é agramatical e eles não podem ser separados como em (192d-e). No entanto, quando há locuções verbais, ocorrem algumas questões interessantes. A primeira delas é que a construção pode aparecer entre o auxiliar e o verbo, o que também ocorre com as SC:⁷⁶

(194)

- | | |
|--|-------------------|
| (a) João ia dar era um relógio para a mãe | [SC] |
| (b) João ia era dar um relógio para a mãe | [SC] |
| (c) *João era ia dar um relógio para a mãe. | [SC] |
| (d) João ia dar era é um relógio para a mãe | [SC2 <i>ser</i>] |
| (e) João ia era é dar um relógio para a mãe | [SC2 <i>ser</i>] |
| (f) *João era é ia dar um relógio para a mãe. | [SC2 <i>ser</i>] |

Em (194) vemos que tanto nas SC (194a-c) quanto nas SC2*ser* (194d-f) é possível posicionar os verbos *ser* após o verbo pleno, como em (194a-d), e entre o verbo e seu auxiliar, como em (194b-e). Todavia, não é possível posicionar os verbos *ser* antes do auxiliar (194c-f). Desta forma, temos a hipótese de que a barreira que restringe não é constituinte verbal, mas sim a de tempo e aspecto, representado em (194) pelo auxiliar *ia*.

Especificamente nas SC2*ser*, encontramos dados que sugerem que a separação dos verbos *ser* pode ocorrer em locuções com verbos modais ou auxiliares:

- (195) A sopa deveria ter sido feita **era é** com carne e não osso!
- (a) A sopa deveria **era** ter sido feita **é** com carne e não osso!
- (b) ? A sopa deveria **era** ter **é** sido feita com carne e não osso!
- (c) ? A sopa deveria **era** ter sido **é** feita com carne e não osso!

⁷⁶ Agradeço a Prof. Patrícia Rodrigues pelos exemplos.

(d) A sopa deveria **era** ter sido feita é com carne e não osso!

(196) Ele deveria **era** ter é um selo vermelho. Blogueiro Petralha ⁷⁷

(a) Ele deveria ter **era** é um selo vermelho.

(b) Ele deveria **era** é ter um selo vermelho.

Em (195) vemos que nas SC2*ser* é possível romper com o duplo *ser* dentro das posições dos verbos auxiliares. Isso é confirmado pelo dado autêntico em (196) que se utiliza da estrutura SC2*ser* intercalada com um verbo. As outras opções, invertendo a posição da construção, também são possíveis, como em (196a-b). É importante marcar que não examinaremos aqui se o escopo do foco é o mesmo em todas essas construções. É mais plausível afirmar que não. Deixaremos essa questão para trabalhos futuros.

3.3 Propostas de análises

Como vimos na seção anterior, a diferença mais marcante entre as SC e as SC2*ser* parece ser a marcação de foco com o duplo verbo *ser*. Apesar disso, elas têm várias características em comum. Dada a similaridade dessas estruturas, pensamos ser plausível averiguar a pertinência das análises de Kato (2010) e Resenes (2014) para as SC que poderiam servir também para as SC2*ser*. Levando em consideração que o formato concatenado [*SER+ser*] não é absolutamente necessário - pois podem ser separados por auxiliares - iremos considerar que cada verbo *ser* possuirá seu próprio lugar na estrutura, descartando a possibilidade de ser uma expressão única cristalizada. Além disso, o fato de que somente o primeiro verbo *ser* pode ter concordância de tempo, impede considerarmos a dupla de verbos como uma estrutura só.

Como vimos no capítulo 2, Kato (2010) apresenta uma análise sobre as SC se posicionando contra a derivação dessas estruturas de CC e PC, chegando à conclusão de que são estruturas diferentes. Além disso, a autora também apresentou uma proposta de derivação tanto para as PC quanto para as SC. A mesma derivação é proposta por Kato e Mito (2015):

⁷⁷ <https://twitter.com/JManuelSBrito/status/1478654195851010053>

(197) “O João comprou foi batata”

(a) movimento do verbo para T

[_{TP} O João comprou [_{VP} ~~comprou~~ batata]]

(b) movimento do VP para FP na periferia esquerda da sentença (Rizzi 1997)

[_{FP} [_{VP} ~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

(c) inserção da cópula

Foi [_{FP} [~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

(d) movimento remanescente do TP para posição de TopP (Kayne 2004)

_{TopP} [_{TP} O João comprou] foi [_{VP} ~~comprou~~ batata]]

Pressuposição

foco

(KATO & MIOTO 2015:35)

Na derivação das SC, temos na parte intermediária a “inserção da cópula” em (197c). Na derivação, essa etapa é a responsável pelo surgimento do elemento que irá realizar o foco, que seria a cópula ou verbo *ser*. Para utilizar a mesma análise para as SC_{2ser} seria preciso que, neste momento da derivação, sejam inseridos os dois verbos *ser*. Vimos nos dados que somente o primeiro *ser* realiza a concordância com o verbo matriz, o segundo *ser* permanece em sua forma *default* (na terceira pessoa). Neste caso, para utilizarmos a mesma proposta de Kato (2010) e Kato & Mito (2015) seria preciso pressupor uma etapa a mais na derivação, inserindo um segundo verbo *ser*. Na derivação sugerida, baseando-se em Kato (2010), teríamos que pressupor duas etapas para a inserção de dois verbos *ser*. Para que a derivação seja bem sucedida, seria necessário existir dois núcleos de foco para abrigar os dois verbos *ser*. Dentro desta proposta, a nossa hipótese é que um dos verbos *ser* pode ser abrigado em uma posição baixa de foco, na periferia do IP, e o outro para um foco mais alto, em CP.

(198) “O João comprou **foi é** batata”

(a) movimento do verbo para T

[_{TP} O João comprou [_{VP} ~~comprou~~ batata]]

(b) movimento do VP para FP (Rizzi 1997)

[_{FP} [_{VP} ~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

(c) Inserção do primeiro *ser*

[_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

(d) movimento remanescente do TP para posição de TopP₁ (Kayne 2004)

_{TopP1} [_{TP} O João comprou] [_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata]]].

(e) inserção do segundo *ser*

[_{FP1} **Foi** _{TopP1} [_{TP} O João comprou] [_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata]]

(f) movimento remanescente do TP para segunda posição de TopP₂

_{TopP2} [_{TP} O João comprou] [_{FP1} **foi** [_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata]]].

Pressuposição

foco

Na derivação sugerida, é necessário criar duas etapas a mais da proposta original feita por Kato (2010). A primeira em (198e) com a inserção de um novo verbo *ser*, e uma segunda etapa com um novo movimento de TP para um TopP mais alto.

Uma segunda hipótese poderia contar com o movimento do verbo *ser* para uma posição mais alta deixando uma cópia não deletada que não receberia os traços de concordância.

(199) “O João comprou **foi é** batata”

(a) movimento do verbo para T

[_{TP} O João comprou [_{VP} ~~comprou~~ batata]]

(b) movimento do VP para FP (Rizzi 1997)

[_{FP} [_{VP} ~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

(c) Inserção do primeiro *ser*

[_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata] [_{TP} o João comprou]]

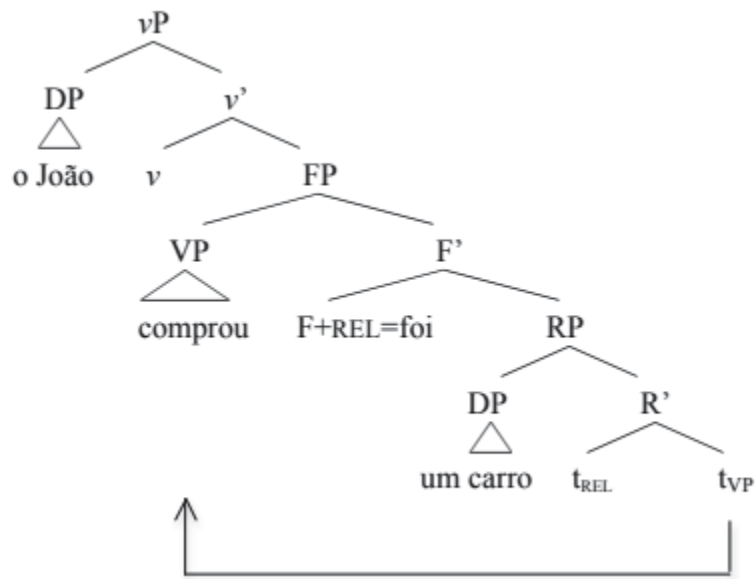
(d) movimento remanescente do TP para posição de TopP₁ (Kayne 2004)

_{TopP1} [_{TP} O João comprou] [_{FP} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata]]].

(e) movimento do foco para posição mais alta deixando a cópia.

[_{FP1} **Foi** _{TopP1} [_{TP} O João comprou] [_{FP2} **é** [_{VP} ~~comprou~~ batata]]]

(f) novo movimento remanescente do TP para segunda posição de TopP₂



(RESENESES, 2014:68)

(201) João comprou **foi** é um carro.

A utilização dessa proposta para as *SC2ser* como em (200) causaria um problema imediato visto que não seria possível inserir os dois verbos *ser* como Spec do *Relator*. Além disso, a teoria não prevê a criação de um segundo *Relator* para abrigar o segundo verbo *ser*. Para tentar abrigar as *SC2ser* nesta proposta, nossa hipótese é que o foco possa surgir como *Relator* mas se movimentaria para um núcleo mais alto deixando uma cópia não deletada. No entanto, como já dissemos na análise anterior, as cópias teriam de ser iguais, o que sabemos não ser o caso.

3.4. Resumo do capítulo

Este capítulo buscou expor os dados e fazer uma descrição sobre o que consideramos ser as semiclivadas com duplo verbo *ser* (SC2*ser*). Expusemos razões para considerar que essas sentenças são construções clivadas e que são diferentes de SC geradas a partir de construções copulares como “Maria foi é escandalosa”. Apesar disso, defendemos que a quantidade grande de semelhanças entre SC e SC2*ser* fazem destas últimas um subgrupo da primeira, possuindo algumas características próprias. Entre essas diferenças, destacamos que as SC2*ser* possuem dois verbos *ser* para marcar a focalização e que somente o primeiro verbo *ser* possui traços de concordância, sem possibilidade de inversão. Essa concordância é restrita à terceira pessoa singular e concorda com o verbo matriz em tempo passado (perfeito e imperfeito), na maioria dos casos, com alguma possibilidade de aparecer no futuro. No que diz respeito à sua estrutura, observamos que, na maioria dos dados, a dupla de verbos *ser* aparece justaposta, ou seja, as duas ocorrências sempre aparecem contíguas. Em perífrases verbais, no entanto, percebemos a possibilidade de separá-los, desde que ambos fiquem dentro do domínio do IP[VP].

Como observamos que as sentenças SC2*ser* podem ser consideradas um subgrupo de SC, propusemos utilizar as análises de Kato (2010) e Resenes (2014) feitas para as SC para observar sua possibilidade explicativa para as SC2*ser*. A presença do duplo *ser* causou impactos nas derivações propostas e sua aplicação só pode ser possível com adaptações que levam a duas hipóteses principais: (i) os verbos *ser* produzem dois núcleos diferentes de marcação de foco, gerando um duplo processo de focalização; ou (ii) um único processo de focalização é gerado a partir de um só verbo *ser* que é copiado e movido para uma posição mais alta e sua cópia não é deletada, gerando duas aparições do verbo *ser*. Essas hipóteses, no entanto, são problemáticas no que se refere, em especial, a dois itens que são copiados, mas são diferentes. Certamente há outras impropriedades ao simplesmente aplicarmos a mesma estrutura para essas construções. Ainda que estejamos certamente bem aquém de uma proposta satisfatória, o exercício de análise proposto já mostra as dificuldades de adotar-se as análises disponíveis para as SC e aponta questões específicas a serem resolvidas.

4. Conclusões

A principal proposta deste trabalho foi realizar uma descrição e expor dados de uma estrutura inédita nos estudos linguísticos. Intitulamos essa estrutura como semiclivada de duplo *ser*. Para fazer jus a essa nomenclatura, defendemos a hipótese de que elas são um tipo específico de semiclivada, expondo dados sobre propriedades em comum que corroboram nossa hipótese. A fim de compreender com mais propriedade as características das clivadas, dissertamos também sobre outros grupos, como as estruturas pseudoclivadas, clivadas canônicas e, obviamente, semiclivadas.

Ao longo da descrição, a existência de dois verbos *ser* para a realização do foco de um mesmo constituinte foi a característica mais marcante, pois causa um impacto interessante nas análises já feitas sobre as semiclivadas, sobretudo por Kato (2010) e Resenes (2014). Apesar de essas autoras abordarem as estruturas de forma bastante diferente, essas análises levam em consideração sentenças semiclivadas com somente um verbo *ser* e, naturalmente, consideram somente um núcleo de foco. Por possuírem dois verbos *ser*, as sentenças semiclivadas de duplo *ser* exibidas e descritas neste trabalho apresentaram entraves para as análises prévias, possibilitando, futuramente, propostas de reelaboração e aprofundamento da teoria, a fim de compreender os novos dados. Além disso, até onde foi possível observar, não encontramos estruturas semelhantes em outras línguas românicas, ainda que sejam muito produtivas em PB. A descrição das semiclivadas de duplo *ser* estimula a investigação futura em três áreas específicas dos estudos sobre clivadas. A primeira delas diz respeito ao aprofundamento das questões semânticas envolvidas na diferenciação de tipos de focalização entre semiclivadas com um verbo ou com dois verbos. Para tal investigação, seria necessário um aprofundamento nos textos de Menuzzi (2012), Teixeira & Menuzzi (2014) e Quarezemin (2014), que tratam mais especificamente sobre a relação das estruturas clivadas com a semântica envolvida.

O estudo sobre a estrutura sintática de focalização com dois verbos *ser* é uma segunda proposta para investigações futuras. Essa análise poderá responder com mais exatidão em que local da estrutura se encontram esses dois elementos e se são, de fato, dois elementos (ou se trata de um caso de cópia não apagada). Para tal linha de pesquisa, seria indispensável a análise pelo viés da cartografia sintática, baseando-se em trabalhos como os de Guesser & Quarezemin (2013) e Silveira (2020).

A terceira e última proposta para trabalhos futuros diz respeito ao estatuto do verbo *ser* enquanto formador de foco. O fato de as semiclivadas de duplo *ser* possuírem um verbo que recebe concordância e um segundo que permanece na forma de terceira pessoa singular, abre a possibilidade para questionarmos se esses verbos são, de fato, cópulas, ou se seriam uma estrutura funcional de foco, como sugere Bosque (1999). A defesa do verbo *ser* enquanto cópula é feita na tese de Silveira (2020), e pensamos ser produtiva a ideia da interpretação do verbo *ser* enquanto uma partícula formadora de foco.

REFERÊNCIAS

- BOSQUE, Ignacio. On Focus vs. Wh-Movement. The Case of Caribbean Spanish. In: **Sophia Linguistica**, v. 44/45. p. 1-32. Tokio, 1999.
- CAMACHO, José. In Situ Focus in Caribbean Spanish: Towards a Unified Account of Focus. In: Selected Proceedings of the 9 th Hispanic Linguistics Symposium. Sagarra, N.; Toribio, J. (eds.). Somerville: Cascadilla Press, 2006. p. 13-23.
- CHOMSKY, Noam. Deep Structure, surface structure, and semantic interpretations. In: JAKOBOVITS, L. A.; STEINBERG, D. D. **Semantics**: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology. Cambridge University Press, 1971.
- _____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. On Wh-movement. In: KANE, Richard; ZANNUTTINI, Raffaella; LEU, Thomas (eds.). **An Annotated Syntax Reader**: Lasting Insight and Questions. Oxford: Blackwell Publishing, 2014, p.101
- DIKKEN, M den. **Relators and Linkers**: the Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 2006.
- GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 1, junho 2013.
- BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. AS construções-Q no português brasileiro falado. In: CASTILHO, A. T. (coord.) **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v.3. A construção da sentença. Campinas: Editora Unicamp, 2009. (237-289)
- KATO, M. A.; BRAGA, M.L.; LOPES-ROSSI, M.A.; SIKANSKI, N.; CORREIA, V.R. As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In: Koch, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado** - v. VI. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 303-368,
- KATO, M. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, jan/abr.2009.
- _____. Clivadas sem operador no português brasileiro (Clefts without an operator in Brazilian Portuguese). In: **Estudos da Língua(gem)**, v. 8, n. 2, p.61-77. Vitória da Conquista, 2010.
- KATO, M. MIOTTO, C. Sobre as estruturas das sentenças pseudo-clivadas e semi-clivadas. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, jan/jun.2015.
- KENNEDY, Eduardo. OTHERO, Gabriel de A. **Para conhecer Sintaxe**. Editora Contexto, 2018

- KISS, K. Identificational Focus versus Information Focus. **Language**, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1998.
- LAMBRECHT, K. (2001). A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, 39(3). doi:10.1515/ling.2001.021
- LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. Geração na base. In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (Orgs.). Textos seleccionados. **XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. APL/Colibri, Lisboa, 2006. p. 457-473.
- MARCELINO, Nara J. M. C. As construções clivadas numa perspectiva gerativista. Breve revisão conceitual. **XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. Natal: EDUFRN, 2012.
- MENUZZI, Sergio. Algumas Observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. In.: **Revista Letras**, v. 86, p.95-121. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.
- MENUZZI, S. ARAÚJO, F. M. FIGUEIREDO SILVA, M. C. Notas sobre a prosódia e a estrutura informacional das relativas. In.: **Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE**. 2012.
- MIOTO, C. Focalização e Quantificação. **Revista Letras**. UFPR v.61, p.169-189. Curitiba, Editora UFPR, 2004
- MIOTO, C; NEGRÃO, E. V. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A. *et al.* **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- MIOTO, C. Pseudo-clivadas reduzidas em espanhol caribenho e em português brasileiro. Trabalho apresentado no Colóquio România Nova - ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina). Montevideo, 2008.
- MODESTO, M. **As construções clivadas no português do Brasil**: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas –FFLCH (USP), 2001.
- PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- QUAREZEMIN, Sandra. Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas. **Revista Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras**. v.18/1, 2014.
- RESENES, Mariana Santos de. **Sentenças Pseudo-clivadas do português Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFSC, Florianópolis. 2009.
- RESENES, Mariana Santos de. **A Sintaxe das Construções Semiclivadas e Pseudoclivadas do Português Brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - UFSC, Florianópolis. 2014.

RIZZI, Luigi. Locality and left periphery. In: BELLETTI, A. (ed.). **Structures and beyond**. Oxford University Press, New York. 2004.

SILVEIRA, Damaris. **Foco e Cartografia**: Aspectos formais das estruturas clivadas do Português Brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) - UFSC, Florianópolis, 2020.

TEIXEIRA, M, MENUZZI, S. Diferentes efeitos de exaustividade em clivadas: um estudo descritivo de casos. São Paulo: **Revista Alpha**, 59(1):59-87, 2015.

TORIBIO, J. Proper government in Spanish subject relativization. **Probus**, 4: 291-304. 1992.

WHEELER, D. Portuguese pseudo-clefts: evidence for free relatives. **Eighteenth Regional Meeting Chicago Linguistic Society**. p. 507-520, 1982.

ZUBIZARRETA, M. L. Prosody, Focus and Word Order. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1998.